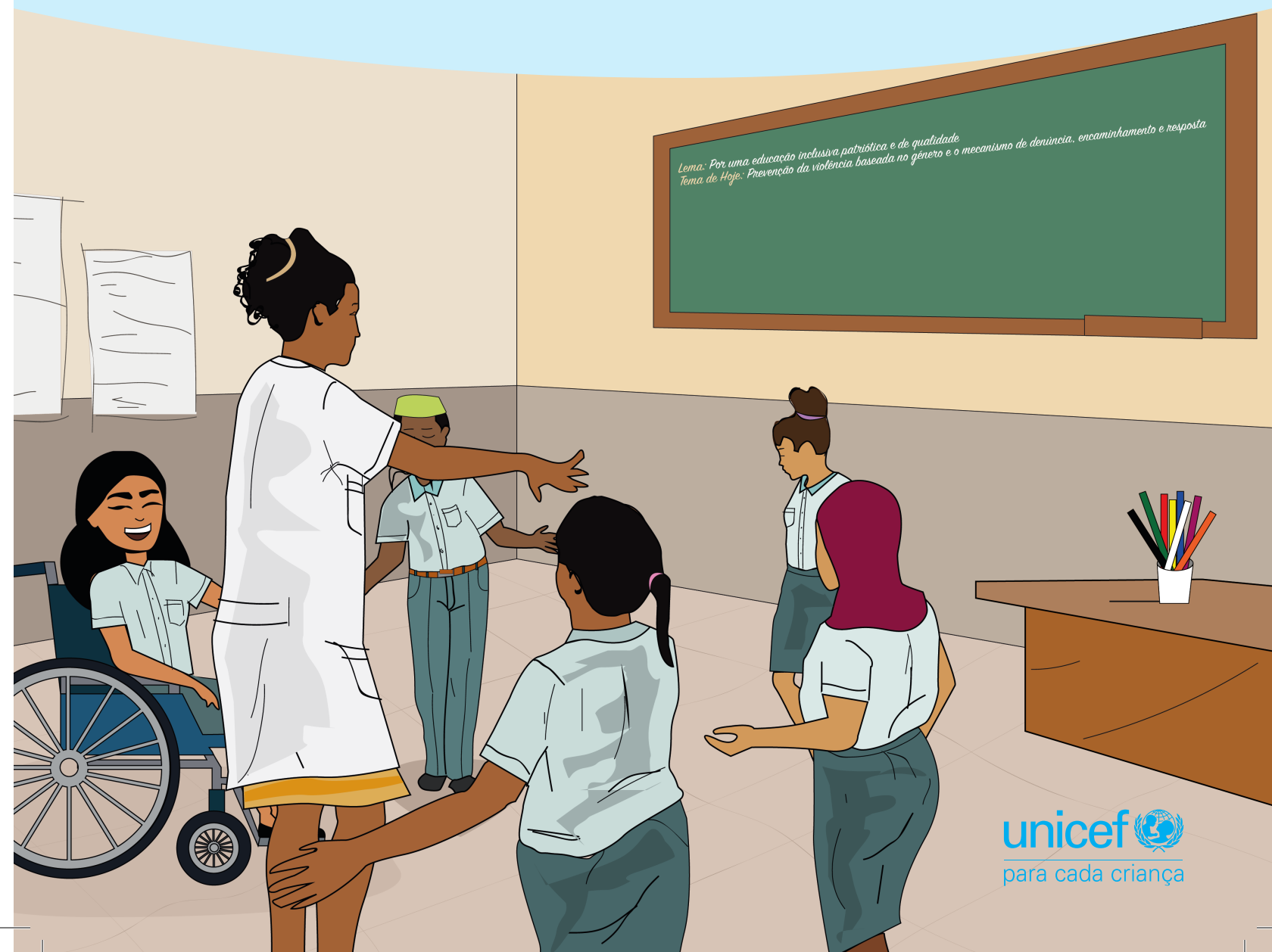




REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

GUIÃO PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE CÍRCULOS DE INTERESSE SOBRE COMPETÊNCIAS PARA A VIDA NAS ESCOLAS

Lema: Por uma educação inclusiva, patriótica e de qualidade
Tema de Hoje: Prevenção da violência baseada no género e o mecanismo de denúncia, encaminhamento e resposta



FICHA TÉCNICA

Título: *Guião para a implementação de Círculos de Interesse sobre Competências para a Vida nas escolas*

Propriedade: Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano

Edição: Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, Maputo 2022

Elaboração: Aline Evangelista Martins

Revisão e Supervisão: Pedro Cossa e Judite Sambo (MINEDH),
Maria Dulce Machava e Lara Longle (UNICEF)

Maquetização: Mélio Tinga

**GUIÃO PARA A IMPLEMENTAÇÃO
DE CÍRCULOS DE INTERESSE
SOBRE COMPETÊNCIAS
PARA A VIDA NAS ESCOLAS**

ÍNDICE

PARTE I - CONCEITOS E ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	10
1. O que são Competências para a Vida?	10
2. Quais competências para a vida serão abordadas nos Círculos de Interesse?	10
3. O que são Círculos de Interesse?	12
4. Qual é a proposta dos Círculos de Interesse sobre Competências para a Vida com foco em Género?	12
5. Porquê trabalhar com competências para a vida nos Círculos de Interesse?	13
6. Como trabalhar com competências para a vida nos Círculos de Interesse?	13
7. O que são metodologias activas?	13
8. Porque têm as actividades foco na área de Género?	14
9. Quais conteúdos da área de Género serão abordados nos Círculos de Interesse?	15
10. Como associar os conteúdos de Género ao trabalho com as competências para a vida?	15
11. Como planificar as actividades dos Círculos de Interesse?	17
12. Como podem ser organizadas as sessões de implementação de Círculos de Interesse sobre Competências para a Vida com foco em Género?	18
PARTE II – ACTIVIDADES	23
MÓDULO 1 – Puberdade	24
ACTIVIDADE 1 – Sentimentos relacionados à puberdade	26
ACTIVIDADE 2 – Transformações físicas durante a puberdade	29
MÓDULO 2 – Contraceção	33
ACTIVIDADE 1 – Gravidez na adolescência	35
ACTIVIDADE 2 – Contraceção	37
MÓDULO 3 – Género e Violência Baseada no Género	40
ACTIVIDADE 1 – Género e estereótipo de Género	45
ACTIVIDADE 2 – Violência física e psicológica	47
ACTIVIDADE 3 – Bullying	52
ACTIVIDADE 4 – Violência Baseada no Género	55
ACTIVIDADE 5 – Apoio psicossocial às vítimas de violência	59
ACTIVIDADE 6 – Prevenção e combate às uniões prematuras	62
MÓDULO 4 – Saúde Sexual e Reprodutiva	66
ACTIVIDADE 1 – Escolhas informadas	68
ACTIVIDADE 2 – HIV, SIDA e DTS	70
ACTIVIDADE 3 – Gestão da higiene menstrual	72



PARTE III – GLOSSÁRIO DE CONCEITOS..... 75

Anexos..... 87

Bibliografia 90

LISTA DE ACRÓNIMOS

CAI	Centro de Atendimento Integrado
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
InVIC	Inquérito sobre Violência Contra a Criança em Moçambique
DTS	Doenças de Transmissão Sexual
LFC	Linha Fala Criança
MGCAS	Ministério de Género, Criança e Acção Social
MINEDH	Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano
NEE	Necessidades Educativas Especiais
SAAJs	Serviços de Amigos de Adolescentes e Jovens
SDSMAS	Serviço Distrital de Saúde, Mulher e Acção Social
SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
VBG	Violência Baseada no Género
SDEJT	Serviço Distrital de Educação, Juventude e Tecnologia

INTRODUÇÃO

A educação de crianças e adolescentes inclui o desenvolvimento de competências académicas fundamentais, tais como a literacia e a numeracia, mas não se limita a esses campos. É preciso, também, criar oportunidades para que os estudantes aprendam a comunicar-se com eficácia, a pensar de forma crítica, a analisar situações e resolver problemas e a proteger-se de situações de risco, entre outras competências essenciais para a vida. Isso pode ser conseguido por meio de uma abordagem educacional que considere o desenvolvimento global dos indivíduos e que leve em conta não apenas os conteúdos escolares que eles precisam aprender, mas também as suas necessidades físicas, emocionais e sociais.

Os Círculos de Interesse sobre Competências para a Vida, e o seu manual, foram criados em 2016 para contribuir com essa concepção de ensino, oferecendo suporte para a construção de “um movimento mobilizador e interventivo na comunidade escolar, com maior envolvimento e proactividade dos alunos que, de forma organizada, devem ser incentivados a inovar, dando a merecida importância aos hábitos e costumes locais saudáveis, de modo a contribuir para a solução de problemas concretos” (MINEDH, 2016)¹.

O presente guião, composto por três partes, orienta passo a passo a implementação desse trabalho e oferece informações que podem apoiar o/a professor/a ao longo de todo o processo. A PARTE I traz conceitos-chave e orientações para o trabalho com metodologias activas, adequadas para a construção de competências. A PARTE II inclui actividades que informam sobre temas relevantes na área de Género e, ao mesmo tempo, criam oportunidades para que os alunos e as alunas desenvolvam as competências essenciais para lidar com desafios relacionados a essa componente. A PARTE III, por fim, é formada por um glossário de conceitos, ao qual o/a professor/a pode recorrer em diversos momentos da planificação e do desenvolvimento das actividades.

Formuladas em alinhamento com as orientações do *Manual dos Círculos de Interesse*, as contribuições deste guião apoiam a formação de cidadãos e cidadãs mais informados/as e preparados/as para enfrentar os desafios da vida pessoal, social e profissional, além de contribuir com a criação de um ambiente escolar mais seguro, dinâmico e inclusivo.

Boa leitura e bom trabalho!

¹ MINEDH. *Manual dos Círculos de Interesse*. Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano. Maputo, 2016

PARTE I - CONCEITOS E ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

1. O que são Competências para a Vida?

Competências para a vida são um grupo de competências psicossociais e habilidades interpessoais que ajudam as pessoas a tomar decisões informadas, comunicar-se com eficácia e desenvolver habilidades de enfrentamento e autogestão para levar uma vida saudável e produtiva. Entre as muitas competências para a vida que podem ser ensinadas e aprendidas, algumas são consideradas *essenciais* (porque são a base para o desenvolvimento de outras competências) e *transferíveis* (porque podem aplicar-se a diferentes situações da vida do indivíduo: escola, comunidade, relações com parceiros/as, amigos/as e familiares, enfrentamento dos desafios profissionais e gestão dos projectos de vida).

“As competências transferíveis estão no cerne do desenvolvimento pessoal de cada criança e adolescente. A educação e o ensino de qualidade com foco nessas competências promovem crianças e adolescentes empoderados e mais resilientes, especialmente os marginalizados, apoiando a autoprotecção, a prevenção da violência e o empoderamento de Género. O ensino de qualidade que promove competências transferíveis apoia crianças e adolescentes a aprender a fazer escolhas informadas e a comunicar essas escolhas à família e aos membros da comunidade.”

UNICEF, 2019. *Global Framework on Transferable Skills*. New York: UNICEF, p. 3.

2. Quais competências para a vida serão abordadas nos Círculos de Interesse?

As doze competências essenciais para a vida abordadas nos Círculos de Interesse são²:

² Definições redigidas mediante consulta dos seguintes materiais:

UNICEF, 2012. *Global Evaluation of Life Skills Education Program*. New York: UNICEF.

UNICEF, 2017. *Reimagining Life Skills and Citizenship Education in the Middle East and North Africa. A Four-Dimensional and Systems Approach to 21st Century Skills. Conceptual and Programmatic Framework*. Amman: UNICEF.

UNICEF, 2019. *Global Framework on Transferable Skills*. New York: UNICEF.

Criatividade: habilidade de gerar, articular ou aplicar ideias originais, técnicas e perspectivas, geralmente em ambientes colaborativos.

Negociação: capacidade de procurar soluções para situações em que há interesses divergentes, respeitando os outros e ao mesmo tempo sendo assertivo, cooperativo, usando habilidades de comunicação, mostrando liderança e dizendo “não” quando o seu bem-estar está ameaçado.

Cooperação: acto ou processo de trabalhar com outras pessoas para produzir algo conjuntamente, atingir um objectivo comum ou um benefício mútuo.

Pensamento crítico: habilidade de questionar, separar factos de opiniões e de suposições, verificar a veracidade das informações, entender diferentes pontos de vista, analisar situações e identificar possibilidades.

Relacionamento interpessoal: habilidade de reconhecer e compreender as diferenças individuais e de comprometer-se com a igualdade de oportunidades entre todos os indivíduos.

Participação: habilidade de tomar parte dos processos, fazendo perguntas, contribuindo com a elaboração de respostas e soluções, oferecendo apoio a quem precisa, engajando-se em projectos, entre outras acções semelhantes.

Empatia: habilidade para se colocar no lugar do outro, ver o mundo através dos olhos do outro e entender como o outro se sente.

Tomada de decisão: habilidade de fazer escolhas com base em informação adequada, considerando as restrições de tempo e tendo clareza sobre os objectivos pretendidos. Envolve a capacidade de controlar impulsos e agir racionalmente, a fim de fazer escolhas adequadas para uma vida saudável.

Auto-gestão: habilidade de regular e monitorar o comportamento, as emoções, o *stress*, os sentimentos e os impulsos.

Comunicação efectiva: habilidade de trocar informações, fazer-se entender e entender as mensagens verbais e não-verbais que são transmitidas, expressar pontos de vista e interagir em todas as esferas sociais.

Resolução de problemas: habilidade de entender os problemas, traçar caminhos para resolvê-los, planejar e executar os passos que devem ser dados para que a resolução aconteça.

Resiliência: habilidade de atravessar desafios e lidar com situações stressantes sem perder a saúde mental e mantendo a motivação para continuar a perseguir os objectivos de vida.



3. O que são Círculos de Interesse?

Os Círculos de Interesse são “uma plataforma da escola, através da qual os membros da comunidade escolar³, especialmente os alunos, de forma criadora, desenvolvem actividades para experimentar, aplicar e aprofundar os conhecimentos e experiências como cidadãos responsáveis, desenvolvendo, assim, as suas habilidades e competências”. De acordo com o *Manual dos Círculos de Interesse*, os conhecimentos construídos nessa instância educativa “devem ser partilhados com a comunidade onde a instituição de ensino está inserida, bem como com outras instituições congéneres públicas, comunitárias e privadas e com a sociedade civil, os pais e encarregados de educação” (MINEDH, 2016).⁴

4. Qual é a proposta dos Círculos de Interesse sobre Competências para a Vida com foco em Género?

Os Círculos de Interesse sobre Competências para a Vida com foco em Género são espaços de discussão, debate e actividades práticas variadas, em que alunos e alunas aprendem sobre os temas e os desafios relacionados à área de Género (Violência Baseada no Género, estereótipos e normas de Género, etc.) e, ao mesmo tempo, constroem competências que os preparam para enfrentar tais desafios.

³ Directores, membros do Conselho de Escola, professores/as e alunos/as.

⁴ MINEDH, 2016. *Manual dos Círculos de Interesse*. Maputo: 2016, p. 07.

5. Porquê trabalhar com competências para a vida nos Círculos de Interesse?

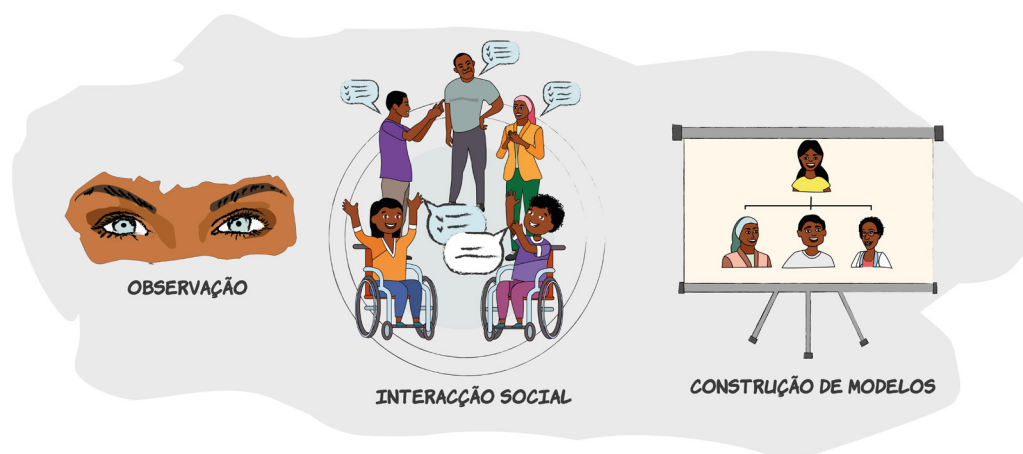
À medida que crescem, as crianças e os jovens passam, cada vez mais, a enfrentar situações desafiadoras, algumas arriscadas, outras complexas, que exigem que eles tenham de tomar decisões e fazer escolhas. Prepará-los para superar essas dificuldades requer, por um lado, facilitar o acesso à informação e, por outro, favorecer que possam exercer as capacidades de analisar situações, avaliar riscos, cooperar com os outros, comunicar-se com eficácia, ou seja: colocar em prática diversas competências essenciais para a vida.

6. Como trabalhar com competências para a vida nos Círculos de Interesse?

Nem todos os conteúdos escolares são ensinados e aprendidos por meio das mesmas estratégias. Para aprender alguns deles, ler um texto pode ser uma estratégia eficiente. Para aprender outros, pode ser suficiente ouvir a explicação do/da professor/a e tomar notas. Há, também, conteúdos que são aprendidos por meio de **metodologias activas**. É o caso da aprendizagem de competências.

7. O que são metodologias activas?

Metodologias activas são aquelas que promovem a interação e a participação activa dos estudantes. Para construir uma competência, não basta ouvir explicações ou memorizar conceitos. O/A aluno/a precisa actuar, e isso acontece por meio da análise de situações e da observação de consequências positivas e negativas de determinadas escolhas, bem como da interacção com os pares para a discussão de problemas, proposição de soluções e construção colaborativa de modelos positivos que orientem a tomada de decisões informadas e saudáveis. Em suma: observação, interacção social e construção de modelos são os três elementos básicos para a construção de competências.



8. Porque têm as actividades foco na área de Género?

No início da adolescência, meninas e meninos tornam-se mais conscientes de seu Género do que quando eram crianças mais novas. O corpo em transformação, o despertar da sexualidade e o desenvolvimento neurológico, que acentua a percepção social, estão entre os factores que colocam o tema Género entre os mais relevantes para as crianças e os adolescentes. Por essa razão, é importante que sejam criados espaços para partilha de informação, discussão e debate sobre puberdade e Género, incluindo temas relacionados com prevenção e combate à Violência Baseada no Género, discriminação, abuso sexual, saúde sexual e reprodutiva e contraceção.

O desenvolvimento das competências para a vida com foco no Género entre os adolescentes, capacita as raparigas a evitar a gravidez até que atinjam a maturidade física e emocional, previne as uniões prematuras, apoia os rapazes para o desenvolvimento de um comportamento sexual responsável e seguro, com sensibilidade e equidade nas relações de Género, e prepara-os para serem pais responsáveis, entre outros benefícios.



O desenvolvimento das competências para a vida com foco no Género entre os adolescentes é essencial. É importante que sejam criados espaços para partilha de informação, discussão e debate sobre puberdade e Género. Foto: UNICEF

9. Quais conteúdos da área de Género serão abordados nos Círculos de Interesse?

Nas actividades propostas neste guião, os temas da área de Género encontram-se agrupados em quatro módulos:



MÓDULO 1 Puberdade	MÓDULO 2 Contraceção	MÓDULO 3 Género e Violência Baseada no Género	MÓDULO 4 Saúde Sexual e Reprodutiva
Indicado para todas as idades, especialmente para estudantes que estejam no início da puberdade, entre os 10 e 13 anos.	Indicado para todas as idades, especialmente para estudantes maiores de 13 anos.	Indicado para todas as idades	Indicado para todas as idades, especialmente para estudantes maiores de 13 anos.
Transformações físicas e psicológicas; menstruação, ciclo menstrual; SMS Biz, SAAJs e outros serviços nos quais se pode ter acesso a informação e aconselhamento sobre menstruação e puberdade, prevenção e combate às uniões prematuras	Fertilidade; contraceção; riscos de gravidez na adolescência; serviços nos quais se pode ter acesso a informação e aconselhamento sobre contraceção	Género, estereótipos de Género, normas de Género, Violência Baseada no Género; direitos humanos; a importância da denúncia de casos de violência; mecanismo de identificação, denúncia e encaminhamento de casos de violência na escola; tipos de violência contra a Criança, sinais de alerta de violência, como denunciar casos de violência, prevenção e combate às uniões prematuras	Escolhas informadas sobre contraceção e Saúde Sexual e Reprodutiva; HIV, SIDA e DTs; instâncias a que se pode recorrer para cuidar da Saúde Sexual e Reprodutiva e para receber orientações sobre planeamento familiar; gestão da higiene menstrual

10. Como associar os conteúdos de Género ao trabalho com as competências para a vida?

Não se aprende a ser *colaborativo*, *empático* ou *participativo* simplesmente porque o/a professor/a explicou o que é colaboração, empatia e participação. Uma pessoa aprende competências quando tem a oportunidade de trabalhar juntamente com outros para actuar. Assim deve ser o ensino de competências. Não basta ensinar o conteúdo; é preciso criar oportunidades para que o conteúdo seja colocado em jogo para o enfrentamento de desafios concretos. Observe o exemplo:

O/A professor/a lê a história de uma rapariga que parou de ir à escola depois da chegada da menstruação porque acha que os rapazes vão rir dela e assediá-la.

O que é possível aprender a partir dessa situação?



Discussão baseada em competências			
EMPATIA	RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS	PENSAMENTO CRÍTICO	COOPERAÇÃO
"Coloquem-se no lugar da rapariga e procurem identificar quais são os sentimentos dela e os motivos que a levam a sentir-se assim."	"Pensem numa lista de três sugestões que podem ser dadas à rapariga, para que ela resolva o problema de uma maneira mais adequada, que não a prejudique".	"Se rapariga não for à escola, ela contorna o problema no curto prazo, mas quais podem ser as consequências disso no longo prazo?"	"Pode ser que, na vossa escola, haja raparigas que passam por esse problema. O que pode ser feito para ajudá-las? Como podem os próprios alunos e alunas colaborar?"



Questões como estas mobilizam competências e geram demanda por aprendizagem de conteúdos da área de Género.



CONTEÚDOS DA ÁREA DE GÉNERO

Puberdade, menstruação, gestão da higiene menstrual, normas de Género, Violência Baseada no Género



Esses conteúdos são ensinados e são colocados em prática para a resolução de um problema.

11. Como planificar as actividades dos Círculos de Interesse?

De acordo com o *Manual dos Círculos de Interesse* (MINEDH, 2016), o planeamento deve seguir algumas etapas, detalhadas a seguir⁵.

ETAPA 1: Seleção de conteúdos e competências para compor o Plano Anual dos Círculos de Interesse

Este guião oferece informações sobre as doze competências essenciais para a vida e sobre os conteúdos de Género que podem ser abordados nos Círculos de Interesse. Tais conteúdos e competências foram organizados em módulos de trabalho, formados por um conjunto de actividades (*vide* parte II deste guião).

O/A professor/a deve analisar todas essas opções e definir o que lhe parecer mais relevante aos alunos e às alunas, tendo em vista os problemas que enfrentam, as suas maiores necessidades, os seus interesses e curiosidades.

Com base nessas informações, elabora-se o plano anual, que deve ser discutido com o/a coordenador/a dos círculos de interesse, no final do ano lectivo, para ser submetido ao director ou à directora da escola.

ETAPA 2: Elaboração do plano mensal

Aprovado o plano anual, é hora de os dinamizadores, juntamente com o/a coordenador/a dos Círculos de Interesse, definirem o plano mensal de actividades. Nesta etapa, é preciso considerar a quantidade de sessões que ocorrerão no mês para escolher o módulo de actividades mais adequado aos alunos e às alunas, tendo em vista o tempo disponível.

ETAPA 3: Planeamento da cada uma das actividades

Cada módulo traz orientações detalhadas para facilitar o encaminhamento das actividades. É importante:

- lê-las com antecedência para conhecer previamente os conteúdos e os encaminhamentos;
- consultar o Glossário (parte III deste guião) para esclarecer dúvidas sobre os conceitos abordados;

⁵ O *Manual dos Círculos de Interesse*, p. 38 a 42, traz modelos de planilhas que apoiam a planificação e a monitoria das actividades.

- preparar o material a ser usado e fazer as adaptações que eventualmente podem ser necessárias, a depender das características do grupo (*vide* tópico 12 para obter mais detalhes sobre a estrutura das sessões).

ETAPA 4: Monitoramento e avaliação

Trimestralmente, os Círculos de Interesse devem realizar, sob presidência do/a Director/a da Escola, uma reunião de avaliação das actividades. Neste encontro, dever-se-ão perspectivar outras, em função das necessidades e das prioridades, conjugadas com a realidade e as possibilidades locais.

12. Como podem ser organizadas as sessões de implementação de Círculos de Interesse sobre Competências para a Vida com foco em Género?

A seguir são descritos alguns princípios, técnicas e metodologias que orientam a organização do espaço, do tempo e das dinâmicas das sessões de círculos de interesse.

PRINCÍPIOS A SEREM CONSIDERADOS

- **Espaços Seguros**

Os Espaços Seguros são os locais escolhidos para que estudantes e dinamizadores se encontrem para participar nos Círculos de Interesse. Pode ser uma sala de aula ou um local na área externa da escola. O importante é que seja um lugar onde todos se sintam confortáveis e à vontade para participar activamente das actividades.



A Escola Primária de Sambanzo foi uma das escolas escolhidas na Província de Sofala para a pintura de um mural com cenários que ilustram os direitos das crianças e as uniões prematuras. Foto: UNICEF Moçambique / Bruno Pedro

- **Equidade de Género**

As actividades dos Círculos de Interesse sobre Competências para a Vida com foco em Género são adequadas para meninos e meninas a partir dos 10 anos. Os dinamizadores podem ser tanto professores quanto professoras. É recomendável que haja alternância entre professores homens e mulheres ao longo das sessões ou dos módulos, para favorecer a equidade de Género e a diversidade de perspectivas.

Alguns temas abordados podem ser considerados tabus em determinados contextos, o que vai requerer uma preparação adicional por parte do dinamizador ou da dinamizadora, seja por meio da leitura prévia das actividades e do esclarecimento de dúvidas junto a Pontos Focais de Género e Saúde Escolar, ou pelo trabalho em parceria com pontos focais, que eventualmente podem estar presentes nas sessões para oferecer apoio. Por exemplo: uma sessão sobre menstruação pode ser encaminhada pelo professor dinamizador com apoio de um/a Ponto Focal de Género ou de Saúde Escolar, ou mesmo uma professora convidada, que agregará a perspectiva feminina.



Dois adolescentes estudantes da Escola Secundária Eduardo Mondlane. Alzira e Amílcar sonham em seguir os seus estudos superiores nas áreas de Engenharia e Arquitectura. Foto: UNICEF Moçambique / Cláudio Favrelle

- **Valorização da participação de todos os alunos e de todas as alunas**

Para desenvolver uma competência, é preciso praticar. Por essa razão, as actividades sugeridas neste guião criam contextos criativos que incentivam a exploração, a discussão, a busca de soluções, enfim: a participação de todos os alunos e alunas, com base no princípio de que todos podem aprender e de que todas contribuições são importantes. Para que os/as alunos/as se sintam seguros e estimulados a participar, é imprescindível que o Espaço Seguro seja um ambiente de respeito, tolerância e cooperação.⁶

METODOLOGIA: ABERTURA, DESENVOLVIMENTO E FINALIZAÇÃO DAS SESSÕES



Jovens de Quelimane numa sessão promovida pelo SMS-Biz sobre Saúde Sexual e Reprodutiva. Foto: UNICEF Moçambique

É importante que as sessões tenham uma abertura, um desenvolvimento e uma finalização bem organizados. Apresentamos a seguir algumas sugestões de estratégias para organizar essas três fases:

⁶ Vide Anexo II para mais informações sobre a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais nos Círculos de Interesse.

• Abertura

Para abrir as sessões, é importante propor actividades que promovem a conexão entre os participantes do grupo e a predisposição para trabalharem juntos. A seguir são apresentados alguns exemplos. O/A professor/a pode escolher uma dessas opções ou pode criar outra. O importante é que haja um momento inicial especialmente dedicado a promover a conexão entre todos e todas.

Para acalmar o grupo	Os/as alunos/as sentam-se em círculo, fecham os olhos, respiram fundo três vezes, imaginam que o ar tem uma cor agradável e imaginam essa cor a espalhar-se pelo corpo conforme inspiram. Depois abrem os olhos e cumprimentam-se para começar o trabalho.
Para recordar a sessão anterior	Os/as alunos/as sentam-se em círculo e cada um diz em voz alta uma palavra relacionada com o que foi discutido na sessão anterior.
Para promover a conexão e a diversão	Quem é o/a líder - Os/as participantes fazem um círculo, em pé ou sentados. Uma pessoa voluntaria-se para deixar a sala. - Depois de a pessoa sair, o resto do grupo escolhe um/a líder. - O/A líder realizará uma série de acções (tais como bater as palmas, abanar um pé, fazer uma careta) que serão imitadas pelo grupo todo. - O grupo protege o/a líder não olhando para ele/ela e não deixando óbvio que está a seguir as acções dele/dela. - O/A voluntário/a que saiu da sala precisa identificar o líder. Se ele/ela acertar, passa a ser o líder e aquele ou aquela que era o líder sai da sala.

• Desenvolvimento

Depois de feita a actividade de aquecimento, o/a professor/a deve:

- a) Apresentar os objectivos da sessão e explicar se vão trabalhar em dupla, em pequenos grupos ou coletivamente.
- b) Pedir que os/as alunos/as se organizem de acordo com o combinado: se foi planeado um trabalho em dupla, é preciso explicar quem vai ser dupla de quem, ou deixá-los livres para escolher; se forem trabalhar em grupo, é importante dizer como será a formação do grupo (quantas pessoas em cada grupo / integrantes escolhidos pelo/a professor/a ou livre escolha dos alunos e das alunas).
- c) Explicar qual vai ser o material usado.

d) Quando tudo estiver organizado, ler a história do dia. Caso seja um episódio de radionovela, é interessante reproduzir o episódio para que os alunos e alunas o escutem, se isso for possível. Se não for possível, a leitura do texto já é suficiente.

e) Propor as actividades de acordo com os temas que devem ser abordados e as competências que precisam ser trabalhadas.

- **Finalização**

Para encerrar a sessão, convém priorizar as propostas que possibilitem que o conhecimento construído seja compartilhado com a comunidade. Dramatizações para serem apresentadas no intervalo, mini-palestras, entrevistas, cartazes, folhetos informativos e murais são alguns exemplos de encaminhamentos adequados para encerrar sessões ou módulos.

PARTE II - ACTIVIDADES

A seguir são apresentados quatro módulos, cada qual composto por um conjunto de actividades previstas para serem desenvolvidas durante cerca de uma hora. Esse tempo pode variar de uma situação para a outra, de acordo com as características do grupo, o grau de envolvimento dos estudantes, a repercussão do tema, entre outros. Caso haja necessidade de mais tempo, não há problema, basta fazer os ajustes necessários e dividir a actividade em mais partes.

Não existe interdependência entre os módulos, de modo que o/a professor/a pode decidir em que ordem deseja trabalhar com eles, mas existe sequenciação entre as actividades do módulo. Sendo assim, a ordem dos módulos pode variar, mas é melhor trabalhar com as actividades de cada módulo em sequência.

Todos os módulos são introduzidos por narrativas reais ou fictícias, que trazem para perto dos alunos e das alunas cenários e situações parecidas com as que eles/elas vivem ou podem vir a viver. Durante a reflexão sobre as histórias, os alunos são encorajados a colocarem-se no lugar dos personagens, ver o mundo através de seus olhos e pensar em quais desafios eles enfrentam e em como esses desafios podem ser enfrentados. Ao longo do processo, os/as alunos/as se identificam com as personagens e estabelecem relação entre o que acontece na narrativa e os que se passa nas suas próprias vidas. Dessa forma, as narrativas convertem-se em pontos de partida para a reflexão sobre a realidade e a busca de soluções para problemas, debates, discussões em grupo, dramatizações, entre outras actividades.

MÓDULO 1 - PUBERDADE

Indicado para todas as idades, especialmente para alunos e alunas que estejam no início da puberdade, entre os 10 e 13 anos.



“Mistério do Benfica”, episódio 24 da radionovela “Os Intxunáveis”, conta a história de Graça, uma menina que, de uma hora para outra, começa a mentir e a apresentar comportamentos estranhos. Todos os que convivem com ela desconfiam de que ela está a esconder alguma coisa. O que esconde ela? Do que tem medo? Essas dúvidas motivam leitores e leitoras a acompanharem os acontecimentos e a pensarem sobre o

quanto a puberdade pode ser uma fase desafiadora. A situação vivida pela personagem será discutida em duas actividades:

- Actividade 1 – Sentimentos relacionados à puberdade
- Actividade 2 – Menstruação e ciclo menstrual

“MISTÉRIO DO BENFICA”

Graça, uma menina de 11 anos, estuda na Escola Primária de Nguva. Um dia, ela está a brincar com as amigas, mas interrompe a brincadeira para ir à casa-de-banho, onde fica por muito tempo. Sai da escola sem falar com as amigas, vai para casa e começa a apresentar comportamentos estranhos: lava as roupas, dá explicações pouco credíveis para o facto de estar com a roupa suja, conta histórias confusas e desperta a desconfiança da irmã mais velha.

No dia seguinte, Graça vai à gaveta da irmã e, sem pedir, tira de lá alguns pensos. Depois pede dinheiro e não explica muito bem por que precisa daquela quantia. Na sequência, Graça vai à escola e, posteriormente, ajuda a mãe a receber os peixes e a levá-los para mercado para os vender. Anuncia os peixes aos clientes, mas cobra muito mais do que o preço habitual. As clientes ficam aborrecidas com ela. Quando a mãe pergunta sobre esse comportamento, ela não explica muito bem.

Volta para casa, para ajudar a irmã, Fifi, a cuidar de seu bebé. Fifi é mãe solteira e o pai de Fifi e Graça não gosta que ela vá à escola, porque acha que, se for, vai acabar em contacto com meninos e vai engravidar pela segunda vez. O pai quer evitar que isso também aconteça com Graça, por isso decidiu que ela irá aos ritos assim que menstruar, e logo depois será encaminhada para o casamento.

No dia seguinte, as mentiras de Graça começam a desmoronar. A mãe e a professora descobrem que ela contou mentiras para explicar a demora na casa-de-banho da escola e a causa do vestido sujo. Graça então confessa que escondeu de todos a chegada da primeira menstruação, porque sabe quais são os planos do pai e não está de acordo com a ideia de ir aos ritos e casar-se.

Na escola, a professora reúne-se com o director e a Matrona dos ritos e explica-lhes o que o pai de Graça pretende fazer. A Matrona esclarece que, nos ritos, não se ensina a abandonar a escola. Ela explica que o pai precisa de informações sobre a importância de manter a menina na escola e precisa também de desistir da ideia do casamento. A Matrona e a professora procuram, então, o pai da Graça e explicam-lhe que o problema não é a escola, mas a falta de informação e de ferramentas para as meninas se protegerem. Elas argumentam com o pai que, se Graça estudar, ela pode ter um óptimo futuro, um bom trabalho, e inclusive ajudá-los na velhice. Explicam, também, que as uniões prematuras passaram a ser proibidas por lei, portanto ele pode ser preso se insistir na ideia.

Adaptado de: Ouro Negro, “Os Intxunáveis”, episódio 24. Disponível em: <https://ouronegro.blubrry.com/historia-24-misterio-do-benfica/>.



ACTIVIDADE 1 – Sentimentos relacionados à puberdade

Objectivos	Ampliar os conhecimentos dos alunos sobre puberdade, transformações e inseguranças que marcam essa fase. Promover a reflexão sobre a importância do diálogo para a resolução de conflitos.
Conteúdos	Sentimentos relacionados à puberdade, estímulo ao diálogo, SMS Biz.
Competências	Empatia, pensamento crítico, cooperação, resolução de problemas, comunicação, criatividade.
Antes da aula	Leia os objectivos da sessão e reveja, no Glossário, o conceito de puberdade e as orientações de acesso ao SMS Biz. Organize o Espaço Seguro para que os alunos e as alunas se sentem em círculo e forneça papel e lápis ou caneta para que façam anotações.



Sala de aula na Escola Primária de Nicuapa, Cabo Delgado. Foto: UNICEF Moçambique / Maurício Bisol

Desenvolvimento da aula

1. Depois de escolher uma actividade para fazer a abertura da sessão (*vide* exemplos no tópico 12 deste guião), leia a história em voz alta, ou, se for possível, permita que os/as alunos/as escutem a radionovela. O episódio pode ser encontrado neste site: <https://ouronegro.blubrry.com/historia-24-misterio-do-benfica/>. Depois de todos conhecerem a história, comece a discussão indicada a seguir.
2. A conversa começa com a reflexão sobre os sentimentos de Graça. Peça aos alunos e alunas para que se coloquem no lugar dela e tentem entender como ela se sente quando chega a menstruação. Os/as alunos/as escrevem nos cadernos ou numa folha de papel avulsa os sentimentos que identificam, mas não mostram a ninguém. Quando todos terminam, o/a professor/a faz uma “onda”, isto é: um aluno ou uma aluna levanta a placa mostrando o que escreveu e falando o nome do sentimento em voz alta; imediatamente, o/a aluno/a ao lado repete o gesto, até que o grupo todo tenha participado.
3. Explique aos alunos e às alunas o conceito de puberdade e converse sobre os sentimentos que podem ser gerados pelas mudanças no corpo durante essa etapa (os temas “menstruação” e “ciclo menstrual” serão abordados em outra actividade, mas é importante o/a professor/a estar preparado/a para esclarecer dúvidas a este respeito, caso os alunos e as alunas manifestem interesse em se aprofundar neles). Ressalte que essa fase da vida é marcada por intensas transformações e que é natural que

rapazes e raparigas sintam algumas inseguranças. Estimule os/as alunos/as a partilharem experiências, perguntando quem já se sentiu como a Graça. Incentive os rapazes a partilharem suas experiências também. Afinal, a puberdade é uma fase vivida por todos e traz dúvidas, curiosidades e inseguranças a pessoas de ambos os géneros.

4. Agora volte a atenção para o pai. Proponha que o grupo tente ver o mundo através dos olhos dele e peça que pensem sobre esta pergunta: “Quais são os sentimentos que o motivam a agir como age?”.

5. Chame a atenção para o facto de que tanto Graça quanto o pai têm as suas preocupações, mas não dialogam sobre o que sentem, o que só agrava o problema. Estimule os/as alunos/as a pensar em quais são os problemas e quais podem ser as consequências negativas para a vida do pai e da filha.

6. Quando os sentimentos do pai e da filha já estiverem bem claros e os/as alunos/as já tiverem reflectido o suficiente sobre o problema, é hora de pensar em soluções, ou seja: no que os personagens poderiam fazer para evitar essa situação. Proponha que os/as alunos/as pensem no que fariam se estivessem no lugar das personagens. Incentive-os a identificar quais são os adultos em que eles confiam, seja na família, seja na escola, e reforce a importância de conversar sobre os sentimentos. Comente a possibilidade de pedir orientação sobre puberdade, menstruação, ciclo menstrual e outros temas relacionados à puberdade ao/à Ponto Focal de Género ou ao/à Professor/a de Saúde e apresente aos alunos e alunas o SMS Biz. Explique que o serviço pode ser acionado para esclarecer dúvidas de rapazes e raparigas sobre puberdade e sexualidade.

Observação: A proibição da união prematura é um tema importante a ser discutido, mas ele será aprofundado em outra actividade. De todo modo, se os/as alunos/as perguntarem sobre isso, o assunto pode ser antecipado.

Finalização

Dramatização

A história não mostra um diálogo entre a Graça e o seu pai. Agora que os alunos e alunas já entendem os sentimentos e preocupações dos dois, proponha que criem esse diálogo. Chame uma dupla para o centro da roda e peça que um aluno ou aluna interprete Graça e outro/a interprete o pai. Como poderia ser um diálogo franco e respeitoso entre eles? Se mais alunos/as quiserem participar, chame outras duplas para o centro da roda e repita o processo.

Considere a possibilidade de promover mais ensaios dessa dramatização, para que ela seja apresentada a outros alunos e alunas da escola, ou até mesmo de outras escolas, para que o conhecimento construído seja partilhado.

Aqueles/as que não se sentem à vontade para actuar podem colaborar com sugestões de conteúdo para o diálogo, preparação de cenário, convite a outras salas, assistência ao professor ou à professora com a organização do espaço para os ensaios, entre outras possibilidades.

Colocar-se no lugar de Graça e do seu pai favorece o exercício da **empatia**. Pensar sobre os problemas que as condutas deles lhes causam estimula o **pensamento crítico**. Trabalhar colaborativamente para pensar num diálogo dá aos alunos e às alunas a oportunidade de exercitar a **colaboração**, a **criatividade** e a **resolução de problemas**.

Compartilhar sentimentos e preocupações com pessoas de confiança é um procedimento importante para a manutenção da **saúde mental**. Este tema voltará a ser abordado no Módulo IV, actividade 5.

ACTIVIDADE 2 – Transformações físicas durante a puberdade

Objectivos	Informar sobre transformações físicas que ocorrem durante a puberdade. Incentivar a disseminação de informações correctas sobre o tema.
Conteúdos	Puberdade, transformações físicas, menstruação, ciclo menstrual, SMS Biz, SAAJs.
Competências	Empatia, pensamento crítico, colaboração, comunicação.
Antes da aula	Reveja os conceitos de menstruação, ciclo menstrual, puberdade, SMS Biz e SAAJs. Prepare o Espaço Seguro para que alunos e alunas trabalhem em círculo.



É importante que raparigas e rapazes tenham acesso a informação sobre as transformações físicas durante a puberdade, e que possam também falar sobre as mesmas entre si. Foto: Consórcio Contra a Violência / Sandra Filipe

Desenvolvimento da aula

1. Recorde a história “Mistérios do Benfica” e oriente os/as estudantes a observar que Graça parece estar muito bem informada sobre a menstruação. Apesar de ter medo do que pode acontecer-lhe depois deste importante marco do seu desenvolvimento, ela não se assusta com a chegada do período. Pergunte aos alunos e às alunas se eles/elas acham que existem muitas meninas como a Graça, que estão preparadas para lidar com a menstruação. Estimule-os a partilhar relatos de situações relacionadas ao tema.

2. Leia o seguinte depoimento, extraído de uma reportagem sobre menstruação.

“Quando eu estava na aula, minha amiga me disse que eu deveria ir para casa porque minha saia estava suja. Quando cheguei em casa, minha mãe não quis me explicar nada. Até agora, não consigo falar com a minha mãe sobre o meu ciclo menstrual”.⁷

Converse com os/as alunos/as sobre a situação dessa rapariga e comente que, assim como ela, outras meninas ficam desamparadas, sem orientação clara sobre o que é e por que acontece a menstruação. Peça então aos alunos e às alunas que partilhem com o grupo quais são as dúvidas que as raparigas podem ter nesse momento. Encoraje os rapazes a também partilharem as dúvidas e as inseguranças sobre as transformações que ocorrem nos seus corpos.

⁷ Fonte de todos os depoimentos apresentados na actividade: UNFPA, 2021. “Apoiando a dignidade de mulheres e raparigas em idade menstrual deslocadas pelo conflito em Moçambique”. Disponível em: <https://mozambique.unfpa.org/pt/news/apoiando-dignidade-de-mulheres-e-raparigas-em-idade-menstrual-deslocadas-pelo-conflito-em>.

3. Partindo das dúvidas que foram apresentadas, organize uma explicação sobre puberdade, incluindo menstruação, ciclo menstrual e outras transformações físicas e socioemocionais (consulte os verbetes “Puberdade”, “Ciclo Menstrual” e “Menstruação” no Glossário).

4. A falta de informação confiável sobre menstruação contribui para que alguns mitos sejam perpetrados, como os seguintes (ambos extraídos de uma reportagem sobre menstruação):

“Quando eu era jovem, minha mãe não deixava que eu preparasse o leite-de-coco. Ela dizia que eu tinha sangue nas mãos, então não deveria tocar na comida porque estava suja”.

“Quando menstruava, não podia cozinhar. Se eu quisesse fazer um bolo, minha mãe dizia que o bolo não ia ficar bom porque, quando você está menstruada, não vale a pena comer o que prepara”.

Peça que os/as alunos/as discutam as seguintes questões: *Quem conhece outro mito sobre menstruação? Porque é que os mitos sobre menstruação interferem negativamente nas vidas das raparigas? O que pode ser feito para que esses mitos deixem de circular? Por que é importante que os rapazes aprendam sobre menstruação e ciclo menstrual?* Durante a discussão, ressalte a importância de divulgar informação correcta sobre o tema e ressalte que os mitos são fruto da falta de conhecimento sobre o funcionamento do corpo feminino. Procure envolver os rapazes, enfatizando que os conhecimentos biológicos contribuem com a formação de todos os jovens, independentemente do Género. Questione os rapazes sobre mitos que envolvem o desenvolvimento masculino, encoraje-os a partilhar vivências, dúvidas e inseguranças e ressalte a importância de procurar informação confiável.

Finalização

Roda informativa

Proponha que os/as alunos/as façam uma “roda informativa” com o seguinte tema:

O que poderia ser dito às raparigas para informá-las sobre a menstruação?

Os/as alunos/as sentam-se em círculo e, um a um, dão sugestões de informações que consideram que devem ser divulgadas para que as raparigas se sintam mais preparadas para a chegada da menstruação.

Opção complementar: mural informativo

Se o/a professor/a considerar conveniente, os/as alunos/as podem escrever as informações, ou podem ditar ao professor ou à professora, que as escreverá numa folha de papel. O conjunto das informações poderá formar um mural, que pode ser visitado por todos os alunos e todas as alunas da escola.

Por fim, oriente o grupo sobre as instâncias a que podem recorrer para pedir informações sobre as transformações físicas que ocorrem durante a puberdade, como o SMS Biz, o/a Ponto Focal de Género e o/a Professor/a de Saúde. Explique também sobre o SAAs, aos quais as raparigas podem recorrer caso sintam dores acima do normal durante o período menstrual ou se experimentarem suspensão da menstruação.

Os/as alunos/as exercitam a **empatia** quando se colocam no lugar de raparigas que não têm informação sobre menstruação. Praticam a **comunicação** quando expõem as suas dúvidas e quando fazem sugestões de informações que devem ser partilhadas. Ao mobilizar os conhecimentos científicos para reconhecer os mitos sobre o tema, colocam em jogo o **pensamento crítico**.

MÓDULO 2 - CONTRACEPÇÃO

Indicado para todas as idades, especialmente para alunos e alunas maiores de 13 anos.



Este módulo tem como base uma história verdadeira, que pode desencadear conversas e reflexões sobre o impacto da gravidez na vida de uma rapariga. A história, apresentada a seguir, será discutida em duas actividades:

- Actividade 1 – Gravidez na adolescência
- Actividade 2 – Contraceção

“O CASAMENTO PREMATURO DESFAZ SONHOS E AMEAÇA A SAÚDE”

Estela começou a frequentar a escola aos 10 anos, quando se mudou para a casa da tia. Aos 17 anos, frequentava a 6ª classe e, embora tenha começado tarde os estudos, cultivava o sonho de estudar para se tornar professora. Esses planos foram interrompidos quando ela engravidou. A tia a incentivou a casar, sob o argumento de que “o homem responsável pela gravidez tem de assumir a responsabilidade”.

Assim que se mudou da casa da tia para viver com o marido, Marcelino, de 23 anos, Estela abandonou a escola para nunca mais voltar, apesar dos esforços do Conselho de Escola local. A jovem passou a cuidar da casa e do marido, até que entrou em trabalho de parto prematuramente. Uma vez que o centro de saúde mais próximo ficava a 12 quilómetros de distância e a família não tinha transporte, chamaram uma parteira tradicional para atendê-la em casa, mas o bebé não resistiu e morreu no parto. Estela nunca tinha ido a uma consulta pré-natal e não procurou conselho médico depois de perder o bebé. “Eu não sabia disso”.

Ela passa agora os seus dias na machamba a praticar agricultura e a realizar tarefas domésticas pesadas, como ir procurar lenha e buscar água na sua remota aldeia rural em Napai, a cerca de 64 quilómetros da capital da província, Nampula.

A história de Estela não é fora do comum. A província de Nampula, no norte do país, apresenta umas das taxas mais elevadas de uniões prematuras, com muitas raparigas casadas ou em união ainda mais cedo do que a Estela, no início da puberdade, logo após a realização dos ritos de iniciação tradicionais. A nível nacional, e de acordo com o Inquérito sobre Violência contra a Criança em Moçambique (InVIC 2019), 41.1% das mulheres entre os 18 e os 24 anos reportaram terem se casado ou vivido como se fossem casadas antes dos 18 anos de idade.

Depois da história da Estela ter sido partilhada nos Círculos de Interesse, os seus colegas pediram apoio ao Conselho de Escola para a reintegração da rapariga. Hoje, Estela é membro do Conselho de Escola e conduz sessões de mentoria sobre uniões prematuras e gravidez precoce na sua escola e comunidade. Estela voltou a sonhar: um dia será professora.



Adaptado de: "O casamento prematuro desfaz sonhos e ameaça a saúde". Disponível em: <https://www.unicef.org/mozambique/protec%C3%A7%C3%A3o-da-crian%C3%A7a>. Acesso em 30.05.2021. Os nomes foram alterados para preservar a identidade das pessoas envolvidas.

ACTIVIDADE 1 – Gravidez na adolescência

Objectivos	Informar os/as estudantes sobre os riscos físicos e psicológicos da gravidez na adolescência. Promover a reflexão sobre o impacto da gravidez nos projectos de vida dos/das jovens. Exercitar a empatia e aprender com a experiência dos outros.
Conteúdos	Ciclo menstrual, menstruação e fertilidade. Os riscos da gravidez na adolescência para a saúde da mãe e do bebé, bem como para o futuro escolar e profissional da rapariga.
Competências	Empatia, pensamento crítico, auto-gestão, tomada de decisão.
Antes da aula	Reveja os conceitos de menstruação, ciclo menstrual, fecundação e gravidez na adolescência. Organize o Espaço Seguro para que os/as alunos/as se sentem em círculo. Forneça papel e lápis ou caneta para que os/as alunos/as façam anotações.



Moçambique tem das maiores taxas de gravidez precoce do mundo, com 179 nascimentos por 1.000 raparigas (15-19 anos). As gravidezes adolescentes constituem um dos maiores obstáculos à Educação contínua das raparigas. Foto: UNICEF Moçambique

Desenvolvimento da aula

1. Explique aos alunos e às alunas que será lida uma história real, mas que os nomes foram trocados para preservar a identidade das pessoas. Oriente o grupo a prestar atenção nos planos que a rapariga tinha para a vida e no que aconteceu de facto na vida dela.

2. Comece por fazer uma pergunta ao grupo “O que Estela sonhava para o seu futuro?”. Deixe que alguns alunos e alunas respondam em voz alta e então proponha que, em grupo, partilhem os seus próprios projectos de futuro uns com os outros. Isso pode ser feito por meio de uma roda de conversa, em que cada um comenta o seu ideal de futuro, ou pode ser feito por meio de um mural (cada um escreve os seus planos numa folha de papel, ou faz um desenho que represente o plano de futuro, o/a professor/a ou o/a dinamizador/a adjunto/a recolhe e, com esse material, monta-se um mural).

3. Explique que, para que um sonho seja atingido, é preciso cumprir algumas etapas. Dê alguns exemplos: frequentar a escola/ concluir os cursos/ desenvolver as competências profissionais/ procurar trabalho. Peça que os/as alunos/as se juntem em duplas e, em 3 minutos, um explique ao outro as etapas que precisam ser cumpridas para a realização dos seus sonhos.

4. Volte a comentar a história de Estela: ela tinha um sonho, mas alguns acontecimentos impediram que esse sonho se tornasse realidade.

- Peça que os/as alunos/as identifiquem esses acontecimentos.

- Proponha que se coloquem no lugar dela e pensem em como ela se sente ao ver que os seus sonhos não se concretizaram.

- Proponha que debatam a seguinte questão: *o que Estela precisaria saber ou fazer para que o seu futuro fosse mais próximo daquilo que ela sonhava?* Incentive os/as alunos/as a reconhecerem o casamento e a gravidez como os factores que mudaram o destino da rapariga.

5. Depois dessa sensibilização, encaminhe uma aula sobre gravidez na adolescência, abordando os seguintes temas (os conceitos estão definidos no Glossário, nos verbetes “Ciclo Menstrual”, “Fecundação” e “Gravidez na Adolescência”):

- Ciclo menstrual, menstruação, fertilidade e fecundação.

- A diferença entre ser capaz, biologicamente, de engravidar e estar fisicamente e psicologicamente preparada para engravidar.

- Os riscos da gravidez na adolescência para a saúde da mãe, para a saúde do bebé, para a vida escolar e para a vida profissional da rapariga.

Explique que a actividade seguinte vai abordar os métodos que podem ser utilizados para evitar a gravidez indesejada.

Finalização

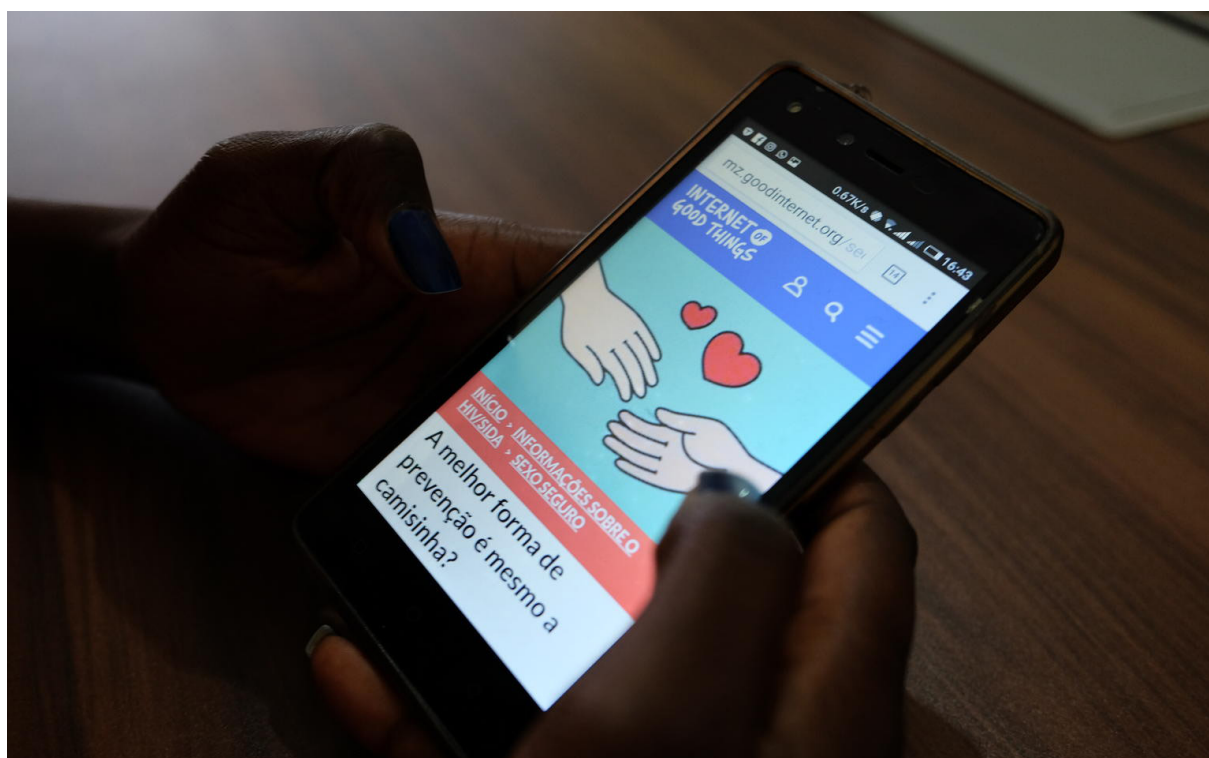
Mini-palestra

Proponha que os/as alunos/as, reunidos em subgrupos formados por 4 a 6 estudantes, preparem uma breve palestra (cerca de 3 minutos) sobre o impacto da gravidez no futuro do rapaz e da rapariga. Oriente os grupos a incluir informações sobre os riscos para a saúde, para a continuação dos estudos, para a vida profissional, para a concretização dos sonhos. Encoraje-os a apresentar o resultado do trabalho e procure criar uma atmosfera positiva, em que todos valorizem as produções uns dos outros. Essa proposta terá continuidade na actividade seguinte, que tratará do tema “contracepção”.

Elaborar planos para o futuro, partilhá-los com os/as colegas e definir etapas para a concretização dos projectos favorece o **pensamento crítico**, a **auto-gestão** e a **tomada de decisão**. É fundamental criar condições para que todas as crianças confiem no próprio potencial e se sintam capazes de projectar um futuro feliz.

ACTIVIDADE 2 – Contracepção

Objectivos	Ampliar os conhecimentos dos alunos e das alunas sobre fecundação, contracepção e serviços que podem ser acionados para procurar aconselhamento sobre o tema. Incentivar a reflexão sobre a importância de tomar decisões informadas, com consciência das possíveis consequências.
Conteúdos	Fecundação, contracepção, SAAJs, SMS Biz.
Competências	Pensamento crítico, cooperação, comunicação, tomada de decisão.
Antes da aula	Revise, no Glossário, os conceitos de fecundação, contracepção, SAAJs e SMS Biz. Organize o Espaço Seguro para que os alunos e as alunas se sintam em círculos.



A plataforma digital "Internet das Coisas Boas" disponibiliza, entre outras, mensagens sobre Saúde Sexual e Reprodutiva. Foto: UNICEF Moçambique / Guillaume Michels

Desenvolvimento da aula

1. Recorde com os alunos e as alunas a história de Estela. Para isso, peça que um/uma aluno/a comece a contar e, em dado momento, interrompa e peça que outro/a continue. Repita o processo até que a história toda tenha sido recontada.
2. Esclareça que, dessa vez, o foco da actividade será a *decisão de ter relações sexuais* e as *responsabilidades* que estão relacionadas a essa decisão.
3. Proponha o seguinte debate: *o namorado de Estela casou-se com ela, mas isso foi suficiente para que a vida da rapariga seguisse o rumo que ela desejava? Marcelino preocupou-se em apoiar Estela para que ela conquistasse os seus sonhos?*
4. Complemente o debate, se necessário, ressaltando que, como casar não é a solução, o melhor é evitar situações parecidas com as que a personagem vivenciou. Para isso, é preciso que rapazes e raparigas sejam pessoas igualmente bem informadas sobre gravidez e igualmente responsáveis pela decisão de começar a vida sexual, considerando todas as consequências dessa decisão.
5. Pergunte aos alunos e às alunas quais são as suas dúvidas sobre gravidez e contracepção. Com base nas dúvidas, organize uma explicação sobre: fecundação e como ela acontece; contracepção e planeamento familiar. Essa explicação pode ser baseada nas informações que constam no Glossário deste guião (procure os verbetes "gravidez na adolescência", "fecundação", "contracepção" e "planeamento familiar").

6. Oriente os/as alunos/as sobre os serviços que eles podem procurar se tiverem dúvidas sobre como evitar a gravidez. Apresente-lhes os SAAJs e o SMS Biz e explique como esses serviços podem colaborar com a tomada de decisões informadas sobre relações sexuais e suas consequências. As informações sobre esses serviços podem ser encontradas no Glossário.

Finalização

Roda de aconselhamento

Proponha que os/as alunos/as pensem em como aconselhariam Estela e Marcelino, caso fossem seus amigos e amigas e os conhecessem na altura em que eles estavam prestes a decidir sobre o começo da vida sexual. Os alunos e alunas compartilham as suas ideias oralmente, numa roda de conversa, pensando na importância de fazer um aconselhamento claro e convincente, que tenha impacto sobre a decisão do rapaz e da rapariga. Com base nos argumentos criados durante essa conversa, os/as alunos/as podem retomar a mini-palestra que começaram a preparar na actividade anterior, e complementá-la, incluindo informações sobre como evitar a gravidez. Discuta com o/a Ponto Focal de Género e de Saúde sobre a possibilidade de os grupos apresentarem as palestras aos demais estudantes na escola, ou à comunidade, caso seja mais conveniente.

Ao colocar os/as alunos/as na situação de fazer aconselhamento, o/a professor/a favorece a comunicação, a cooperação, o pensamento crítico e a reflexão sobre tomada de decisões importantes na vida.

MÓDULO 3 - GÉNERO E VIOLÊNCIA BASEADA NO GÉNERO

Indicado para todas as idades



As actividades deste módulo são pretendem apoiar os alunos e as alunas para que reconheçam manifestações de violência, compreendam a importância da denúncia e saibam como fazê-lo. Para melhor trabalhar com o tema, convém que professores e professoras estejam bem informados acerca das suas responsabilidades diante da identificação e do encaminhamento de casos de violência contra a Criança. Este excerto do *Mecanismo Multisectorial para a Prevenção, Denúncia, Encaminhamento e Resposta à Violência contra Crianças nas Escolas, Incluindo Assistência às Vítimas* (MINEDH, 2021) traz informações que devem ser levadas em conta por todos os professores e professoras durante o trabalho com o módulo.

Uma vez identificados os casos de violência, é importante que estes sejam denunciados e encaminhados. A denúncia é obrigatória, especialmente para os sectores da Educação, Saúde e Acção Social (Artº20, Lei nº7/2008, de 97). A denúncia nem sempre é um processo ou uma decisão fácil de tomar, pois quem identifica o caso pode ter preocupações com o seu anonimato, como possíveis retaliações ou simplesmente pode não saber o que fazer. Assim, existem mecanismos de denúncia variados, adequados à pessoa que identificou o caso (aluno/criança ou adulto) e à gravidade do caso de violência.

• **Dentro da escola:** Quando o caso é identificado por um aluno e este quer preservar o seu anonimato pode fazer a denúncia através da Linha Fala Criança (LFC) com uma chamada telefónica gratuita para o número 116, onde fornecerá os dados necessários para que estes depois façam o encaminhamento do caso, ou pode também fazer a denúncia através das Caixas de Reclamações e Sugestões colocadas nas escolas, colocando um bilhete com a descrição do caso e a informação suficiente para que a escola possa depois dar seguimento e agir. Outra via de denúncia é a exposição directa do caso ao Ponto Focal de Género, ao Professor de Saúde ou ao Conselho de Escola. No caso de a identificação ser feita por um adulto, dentro da escola (professor ou outro funcionário) aconselha-se o uso da Caixa de Reclamações e a LFC, se este quiser manter o anonimato, ou a exposição do caso ao Conselho de Escola. Nos casos de violência sexual ou violência física grave a pessoa que identifica o caso (criança ou adulto) deve dirigir-se a um Posto de Polícia ou Esquadra, a um Gabinete de Atendimento à Família e Menores, Centro de Atendimento Integrado (CAI) ou SDSMAS (a nível do distrito) e/ou a um Posto de Saúde (para a vítima poder ter acesso a medicamentos para evitar gravidez e para evitar a transmissão do HIV-SIDA e outras doenças de transmissão sexual).

• **Fora da escola:** Quando o caso de violência é identificado fora da escola, normalmente por um membro da família ou da comunidade, a denúncia deve ser feita através da LFC (no caso de se querer manter o anonimato), ou directamente na Polícia, CAI, Posto de Saúde ou SDSMAS. Em alguns casos, a comunidade prefere denunciar à autoridade local que, mesmo não tendo mandato para resolução deste tipo de casos, tem a obrigação de fazer a denúncia a outras instâncias. Portanto, se a pessoa denunciou o caso à autoridade local (líder comunitário, régulo etc.), ele tem a obrigação de encaminhar os casos de abuso e violência sexual e de violência física grave para as instâncias competentes (Polícia/Posto de Saúde/CAI/SDSMAS).

Fonte: MINEDH, 2021. *Mecanismo Multisectorial para a Prevenção, Denúncia, Encaminhamento e Resposta à Violência contra Crianças nas Escolas, Incluindo Assistência às Vítimas (Brochura)*. Maputo: 2021, p. 11-12.

ONDE FAZER A DENÚNCIA?



Mecanismo Multisectorial para a Prevenção, Denúncia, Encaminhamento e Resposta à Violência contra Crianças nas Escolas, Incluindo Assistência às Vítimas



A brochura sobre o *Mecanismo Multisectorial para a Prevenção, Denúncia, Encaminhamento e Resposta à Violência contra Crianças nas Escolas, Incluindo Assistência às Vítimas* é uma publicação do MINEDH, aprovada em 2020 que orienta o grupo multisectorial, parceiros, comunidade e a escola sobre como lidar com casos de violência contra criança na escola. Foto: UNICEF Moçambique

Este módulo tem como ponto de partida duas histórias reais, vividas por jovens de 16 e 17 anos. As duas narrativas possibilitam a discussão sobre os seguintes temas:

- Actividade 1 – Género e estereótipo de Género
- Actividade 2 – Violência física e psicológica
- Actividade 3 - *Bullying*
- Actividade 4 – Violência Baseada no Género
- Actividade 5 – Apoio psicossocial às vítimas de violência
- Actividade 6 – Prevenção e combate às uniões prematuras

HISTÓRIA DISCUTIDA NAS ACTIVIDADES 1 E 2

Depoimento de Ilda Ernesto Guambe, Inharrime, Inhambane, mãe aos 15 anos.

“Tenho 17 anos. O meu filho nasceu quando eu tinha 15 anos e estava na 10ª classe. Namorei com o pai dele durante algum tempo.

Quando fiquei grávida, os meus pais convocaram um encontro com os familiares dele. No encontro, ele prometeu cuidar de mim, mas partiu logo para África do Sul à procura de emprego. O meu pequeno Walter passou os primeiros nove meses de vida em casa dos meus pais.

Seguindo a promessa feita pela família dele, antes de o menino completar um ano, fui forçada a viver com os pais do meu namorado. O tratamento deles foi muito agressivo. Era insultada e feita empregada.

Quando o meu namorado vinha de férias, não prestava nenhuma atenção e nem sempre dormia em casa. Achei isso muito estranho, porque antes ele oferecia presentes e dinheiro. Os meus pais aperceberam-se dos maus-tratos e foram me buscar.

Mesmo depois de os familiares dele terem insistido no meu retorno, recusei. Não quero mais saber deles. Nem dele. Fez-me interromper os estudos e quando mais precisava dele, abandonou-me. O que passei foi demais!

Os meus pais informaram-lhes que eu deveria voltar a estudar e recordaram que fui maltratada. Eu só quero voltar a estudar e tenho o apoio do meu pai. Estudando poderei ter uma profissão, ter o meu dinheiro e não depender de outras pessoas. Gostaria de ser professora, ter a carta de condução.

Quando vejo as minhas amigas que continuaram a estudar fico com alguma inveja. Fico a pensar no tempo que perdi naquela família. Elas estão muito adiantadas nos estudos. Isso encoraja-me a querer estudar mais, mesmo que seja para trabalhar de dia e estudar à noite. Sei que a educação pode mudar a minha vida”.

Fonte: UNFPA Moçambique, 2013. “Gravidez na adolescência. Desafios e respostas de Moçambique”. Disponível em: https://mozambique.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/SWOP_Suplemento_PAGINA-CAOFINAL0312134.pdf . Acesso em 14.12.2021.

HISTÓRIA DISCUTIDA NAS ACTIVIDADES 4 E 5

Celeste tinha 16 anos quando começou um relacionamento com um homem adulto poderoso. Depois de uma fase inicial feliz, o relacionamento mudou, e a Celeste começou a ter medo das explosões violentas do seu parceiro, que eram cada vez mais frequentes.

Ela tentou deixá-lo várias vezes. Mas cada vez que ela o fazia, a raiva do seu parceiro piorava. Ele ameaçou fazer mal à família da Celeste, tentou atropelá-la e espancou-a repetidamente. A Celeste tinha medo de sair de casa e começou a faltar à escola.

Embora se sentisse assustada e ressentida, a Celeste reuniu coragem para denunciar o seu agressor na esquadra. Mas quando o seu parceiro descobriu as suas intenções, ele usou a sua influência para impedi-la de denunciar o caso. Depois, raptou-a, tentou violá-la e empurrou-a para fora do carro em andamento.

A Celeste protegia a sua família do abuso que vinha sofrendo, embora vivessem sob o mesmo tecto. Por vezes, após episódios de violência, ela ia para a casa da sua irmã. A Celeste acreditava que a violência era normal. Exausta e conformada com a situação, considerou até casar-se com o agressor, apenas para apaziguá-lo.

Nessa altura, as coisas começaram a mudar. As activistas reconheceram a extrema agonia em que a Celeste vivia. Falaram com ela, ofereceram-se para acompanhá-la nas ruas para sua protecção e, após algum tempo, convidaram-na para ser activista.

A Celeste recebeu formação como activista e começou a participar em campanhas porta-a-porta para ensinar as comunidades a prevenir a Violência Baseada no Género e uniões prematuras. O seu ex-parceiro ameaçou-a mais algumas vezes. Mas as ameaças foram-se tornando mais raras, à medida que ele entendeu que a Celeste não tinha mais medo dele. Ele também entendeu que a Celeste estava empoderada com conhecimento e protegida por uma rede de organizações de mulheres que trabalham sob um programa liderado pelo Governo e, gradualmente, deixou-a em paz.

Fonte: Nações Unidas Moçambique, 2021. "Quebrando o silêncio sobre Violência Baseada no Género em Moçambique". Disponível em: <https://mozambique.un.org/index.php/pt/122926-quebrando-o-silencio-sobre-violencia-baseada-no-genero-em-mocambique>. Acesso em 14.12.2021.

ACTIVIDADE 1 – Género e estereótipo de Género

Objectivos	Entender o conceito de Género e estereótipo baseado no Género. Reflectir sobre a relação entre estereótipos de Género, discriminação e desigualdade de oportunidades.
Conteúdos	Género, normas de Género, discriminação, estereótipo de Género.
Competências	Empatia, pensamento crítico, comunicação, criatividade, relacionamento interpessoal.
Antes da aula	Reveja, no Glossário, os conceitos de Género, normas de Género e estereótipo de Género. Organize o Espaço Seguro para que os/as alunos/as se sentem em círculo. Todos devem ter papel e lápis ou caneta para fazer anotações.



Depois de entender o conceito de Género e estereótipo de Género, é importante reflectir sobre a relação entre estereótipos de Género, discriminação e desigualdade de oportunidades.

Desenvolvimento da aula

1. Leia a história de Ilda em voz alta.
2. Proponha que os/as alunos/as debatam a seguinte questão: “Quando o bebé nasceu, Ilda ficou a cuidar dele, mas o parceiro afastou-se para procurar emprego. Quando voltava a casa, ele não dava atenção nem a ela e nem à criança. Nas suas comunidades é comum que as mulheres assumam mais responsabilidades pelos cuidados

dos filhos do que os homens?”

Peça que os/as alunos/as comentem outras situações em que as expectativas são diferentes para as mulheres e para os homens. Por exemplo: “Uma pessoa será convidada para testar um novo modelo de carro que será vendido na cidade. O que é mais provável: que a pessoa convidada seja um homem ou uma mulher?” / “O bebê de um casal está a chorar no quarto. Os pais estão a conversar com amigos no quintal. Quem mais provavelmente vai deixar a conversa com amigos para cuidar do bebê?”

Encoraje os/as alunos/as a pensarem em outros exemplos parecidos com esses, incluindo de situações vividas na escola e fora da escola.

3. Leia, no Glossário, os conceitos de Género, estereótipo de Género e normas de Género. Proponha que os alunos e as alunas relacionem os conceitos aos exemplos que eles citaram. Oriente-os para que percebam, nos exemplos citados, estereótipos de masculinidade (pautados em força, liderança, coragem, esperteza, virilidade) e de feminilidade (pautados em submissão, fragilidade, predisposição para as tarefas domésticas).

4. Ressalte que as normas e os estereótipos são criações sociais, que variam de um lugar para outro e de uma época para outra. Enfatize que estereótipos criam situações limitadoras, que prejudicam as pessoas, por isso devemos aprender a reconhecer e combater os estereótipos de Género. Para que os/as alunos/as compreendam melhor, desafie-os a fazer o levantamento dos problemas que podem estar envolvidos em frases como “conduzir carros não é para mulheres”, “limpar a casa não é para homens” ou “cuidar de crianças não é para homens” (são frases que transmitem a ideia de que homens podem mais do que as mulheres, têm mais capacidade e mais poder, ao mesmo tempo que colocam as mulheres em posição de desvantagem, associando-as ao trabalho doméstico e limitando as suas possibilidades).

5. Organize os/as estudantes em grupos de 4 a 6 pessoas. Os grupos devem pensar em frases que sejam baseadas em estereótipo e que eles/elas consideram que contribuem para criar imagens limitadoras, irreais e prejudiciais de homens e de mulheres. Depois de uns minutos a pensar nas frases, cada grupo deve ir para o centro da roda para apresentar a frase e os demais grupos devem rebatê-la, indicando o que eles identificam de irreal, limitador, injusto ou prejudicial em cada uma delas. Por exemplo:

Estereótipo: *“Rapazes são melhores a conduzir carros.”*

Respostas: *“Para aprender a conduzir, é preciso ter boa visão, boa coordenação, respeito às regras de trânsito e domínio do funcionamento da viatura. Rapazes e raparigas são igualmente capazes fisicamente, no que se refere à visão e à coordenação. E tanto rapazes quanto raparigas possuem as mesmas condições para aprender o funcionamento dos carros, se tiverem acesso a boas aulas. Portanto, não é o Género que faz uma pessoa ser melhor condutor ou condutora de viaturas”.*

Finalização

Dramatização:

Essa actividade pode ser desenvolvida em parceria com a área de Cultura.

Em grupos de 4 a 6 pessoas, os alunos devem imaginar uma situação vivida na escola, baseada num estereótipo de Género. Uma das personagens age com base em estereótipos e outros a contrariam e apresentam argumentos para mostrar que o que diz é irreal e injusto. Podem ser oferecidos diferentes pontos de partida a cada grupo. Por exemplo: um grupo cria uma cena vivida na aula de Educação Física; outro grupo cria uma cena ocorrida na sala de aula; outro grupo cria uma cena vivida no caminho para casa. Deixe que os grupos criem, ensaiem e, depois, apresentem as suas criações. Por fim, faça uma roda de conversa em que os alunos possam dar sugestões sobre como combater os estereótipos de Género.

Por meio da empatia, da cooperação, da criatividade, da comunicação e do respeito à diversidade, além de aprender que os estereótipos de Género interferem negativamente no desenvolvimento da rapariga, os alunos e as alunas aprenderão a questionar e a combater esses estereótipos.

ACTIVIDADE 2 – Violência física e psicológica

Objectivos	Conhecer formas de violência física e psicológica. Saber como reconhecer sinais de violência e como denunciar. Compreender a importância da denúncia.
Conteúdos	Violência física, violência psicológica, mecanismos para a denúncia de casos de violência.
Competências	Empatia, pensamento crítico, cooperação, participação.
Antes da aula	Reveja no Glossário as informações sobre violência, sinais de violência e responsabilidade de denunciar casos de violência. Cada aluno/a deve ter lápis ou caneta, além de três pedaços pequenos de papel para o exercício 3 e uma folha de papel para o exercício 6.



Saber identificar casos de violência física e psicológica é essencial para reconhecer qualquer sinal de violência ou abuso na vida das crianças e dos adolescentes.

Desenvolvimento da aula

1. Recorde com os/as alunos/as a história de Ilda.
2. Chame a atenção para este trecho: *“Seguindo a promessa feita pela família dele, antes de o menino completar um ano, fui forçada a viver com os pais do meu namorado. O tratamento deles foi muito agressivo. Era insultada e feita empregada”*. Leia-o em voz alta e peça aos alunos e alunas que discutam que formas de violência são citadas neste trecho. Ofereça ajuda de acordo com a necessidade do grupo. Alguns grupos podem rapidamente perceber que ser forçada a viver com os pais do parceiro é uma situação violenta, outros podem precisar de ajuda para perceber isso. O mesmo vale para a agressão, os insultos e o facto de ser tratada como empregada da família, e não como parte da família.
3. Esclareça que, além dessas formas de violência, existem muitas outras. Entregue a cada aluno/a três pedaços de papel e peça que escrevam, em cada um deles, uma palavra que lhes ocorre quando pensam em violência. Recolha todas as folhas de papel e, com a ajuda dos alunos e alunas, organize-as em diferentes categorias: formas de violência (bater, empurrar, chutar, etc.), sentimentos relacionados às situações de violência (medo, raiva, etc.) ou outras categorias que eventualmente podem ser citadas. Valorize cada uma das ideias e encoraje que alunos e alunas partilhem os seus sentimentos e dúvidas.
4. De acordo com o *Mecanismo Multisectorial para a Prevenção, Denúncia, Encaminhamento e Resposta à Violência contra Crianças nas Escolas, Incluindo Assistência*

às Vítimas, “é da responsabilidade de todos e todas identificar casos de violência contra crianças e adolescentes, seja na própria escola ou na comunidade. Para que os casos sejam identificados, é importante que todos estejam informados e conscientes dos tipos de violência que afetam os alunos: castigos corporais, agressões e quaisquer atentados contra a integridade física; assédio sexual, violação ou abuso sexual; intimidação, humilhação e violência emocional; furtos e destruição de bens ou *bullying* (incluindo *cyberbullying*). Estes casos, quer sejam perpetrados por professores, funcionários da escola, quer por outros alunos, são alguns exemplos de violência a que todos devem estar atentos para proteger as crianças. É importante que os próprios alunos sejam capazes de reconhecer estes casos de violência como algo inaceitável, para poderem identificar quando eles próprios ou os seus colegas estão a ser vítimas de violência e abuso” (MINEDH, 2021, p. 11). Para apoiar alunos e alunas na identificação de casos de violência, o primeiro passo será orientá-los para que possam reconhecer formas de violência física e violência psicológica. Leia em voz alta as definições que estão no Glossário, acrescente novos exemplos aos que foram citados pelos alunos e alunas na actividade anterior e peça que digam se o exemplo traz uma situação de violência física ou psicológica.

Por exemplo:

Na escola:

- *A professora humilha um aluno que não sabe responder a uma pergunta.*
- *O professor toca no corpo de uma rapariga e a ameaça para ela guardar segredo, caso contrário será punida com notas baixas.*
- *Um grupo de alunos ridiculariza um rapaz que tem uma deficiência física.*

No caminho para a escola:

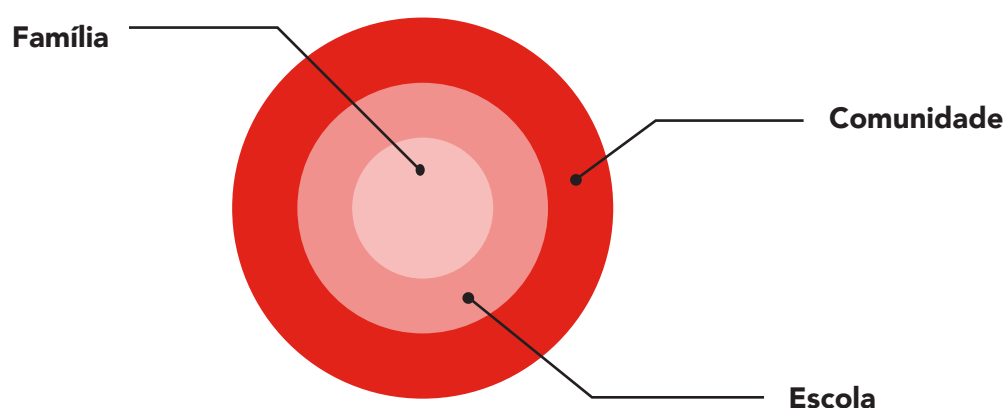
- *Um grupo de rapazes assedia sexualmente uma rapariga.*
- *Um rapaz persegue outro e ameaça destruir os seus pertences.*
- *Uma rapariga chuta outra rapariga e puxa os seus cabelos.*

Em casa:

- *O irmão mais velho bate no mais novo.*
- *Um amigo da família faz uma visita. Quando outros adultos estão distraídos, ele tenta beijar uma criança e tocar nos seus genitais.*

5. Ressalte que nenhuma situação de violência pode ser tolerada, nem na escola, nem na família ou na comunidade. Em todos os exemplos citados, os episódios de violência deveriam ser denunciados. Portanto, aprender a denunciar é crucial. Uma boa forma de começar essa aprendizagem é saber identificar pessoas de confiança a quem se possa pedir ajuda.

6. Peça que os alunos e alunas desenhem três círculos: um representando a família, outro representando a escola e outro representando a comunidade, de forma mais ampla. Dentro de cada círculo, eles devem escrever quem são as pessoas a quem poderiam pedir ajuda caso sofram algum tipo de violência física ou psicológica. Esses desenhos serão retomados no final da sessão.



7. Converse com os alunos e alunas sobre os sinais que podem ser observados para a identificação de que uma criança é vítima de violência (o Glossário traz uma relação de sinais. Pesquise o verbete “Violência Baseada no Género”). Oriente-os sobre a importância de estarem atentos a esses sinais, para que possam identificar colegas que estejam a enfrentar situações de violência. Explique o que fazer para reportar casos de violência que ocorrem dentro da escola:

- Para denúncias que preservem o anonimato: a Linha Fala Criança (LFC), por meio de uma chamada telefónica para o número 116, que será atendida por profissionais preparados para pedir os dados necessários para fazer o encaminhamento do caso, ou as Caixas de Reclamações e Sugestões colocadas nas escolas, onde se pode colocar um bilhete com a descrição do caso e a informação suficiente para que a escola possa depois dar seguimento e agir;

- Para denúncias não anónimas, pode ser feita a exposição directa do caso ao/à Ponto Focal de Género, ao/à Professor/a de Saúde ou ao Conselho de Escola.

Casos de violência que ocorrem fora da escola também podem ser denunciados pela LFC ou directamente à Polícia, CAI, Posto de Saúde ou SDSMAS. É da responsabilidade das autoridades policiais, Postos de Saúde/CAI e SDSMAS fazer o encaminhamento dos casos à Procuradoria (Curador de Menores) para accionar medidas de protec-

ção da criança, assim como o encaminhamento para apoio psicossocial à vítima, caso se justifique.⁸

Finalização

Brigada anti-violência

Reunidos em grupos, os alunos e alunas elaboram uma mini-palestra, seguindo uma divisão de responsabilidades como esta:

- 1 aluno ou 2 alunos ficam responsáveis por explicar o que é violência física e quais são os sinais de que uma pessoa sofre esse tipo de violência;
- 1 ou 2 alunos ficam responsáveis por explicar o que é violência psicológica e quais são os sinais de que uma pessoa sofre esse tipo de violência;
- 1 ou 2 alunos se preparam para orientar sobre a quem pedir ajuda (pode ser mostrado o desenho feito na actividade 6) e como denunciar casos de violência.

Os alunos ensaiam as suas falas e, com apoio do professor ou da professora, os grupos passam pelas outras classes, para divulgar a informação. Caso haja alunos/as com dificuldade para fazer apresentações orais, o grupo pode atribuir-lhe outra tarefa, como por exemplo a produção de um folheto para divulgar a Linha Fala Criança. Se o/a professor/a considerar mais adequado, os grupos podem produzir informação escrita e montar um painel informativo, em vez de fazer apresentações.

Aprender a reconhecer formas de violência, identificar sinais e fazer denúncia são passos importantes para que os alunos e as alunas se fortaleçam e se protejam de situações de risco. Esta actividade favorece que eles aprendam e que divulguem a informação, para tornar a escola mais segura para todos.

⁸ Fonte: MINEDH, 2021. *Mecanismo Multisectorial para a Prevenção, Denúncia, Encaminhamento e Resposta à Violência contra Crianças nas Escolas, Incluindo Assistência às Vítimas.*

ACTIVIDADE 3 – Bullying

Objetivos	Reconhecer o <i>bullying</i> como uma forma de violência que não pode ser tolerada. Saber como denunciar situações de <i>bullying</i> . Reconhecer a importância da denúncia.
Conteúdos	Violência física, violência psicológica, <i>bullying</i> , mecanismos para a denúncia de casos de <i>bullying</i> .
Competências	Empatia, pensamento crítico, cooperação, participação.
Antes da aula	Reveja no Glossário as informações sobre violência, sinais de violência, <i>bullying</i> e responsabilidade de denunciar casos de violência.



Mural pintado na Escola Secundária de Rapale, em Nampula. Murais pintados com temas como as uniões prematuras, violência contra crianças e a participação de homens na educação das crianças foram ilustrados. Foto: UNICEF Moçambique / Ricardo Franco

Desenvolvimento da aula

1. Recorde com os/as alunos/as o que foi discutido na sessão anterior a respeito de violência física e psicológica (o que é, importância de denunciar, como denunciar).
2. Leia para o grupo a seguinte história, esclarecendo que ela não está acabada. Caberá aos alunos e alunas imaginar possíveis desfechos para a situação.

Latifo, estudante da 6ª classe, mudou-se com a família para uma nova cidade e, por essa razão, começou o ano lectivo numa nova escola. No seu primeiro dia de aulas,

ele não conhecia ninguém. Entrou na escola e ficou a observar o movimento dos alunos e das alunas a jogar, correr e conversar. Um grupo de rapazes e raparigas notou a presença de Latifo e a sua dificuldade para se locomover. Um dos meninos do grupo inventou um apelido desrespeitoso, que ridicularizava a deficiência física de Latifo. Outros meninos e meninas do grupo começaram a rir. Mais tarde, quando reencontraram Latifo, um deles mencionou o apelido e, uma vez mais, a situação desencadeou risadas. O comportamento repetia-se cada vez que os estudantes e Latifo se encontravam. Latifo percebeu e sentiu-se muito triste. Começou a sentir-se mal no ambiente escolar, porque sabia que era alvo de zombarias, e não se sentia capaz de defender-se. Passou a sentir-se ansioso e nervoso, a ponto de pensar em não ir mais à escola. Daniel, um dos meninos do grupo, percebeu o incómodo de Latifo e começou a senti-ser mal quando os amigos e as amigas praticavam a zombaria.

3. Peça aos alunos e alunas que identifiquem qual é a violência de que Latifo é vítima.

4. Leia em voz alta o conceito de *bullying*, presente no Glossário deste guião. Peça, então, que os alunos e as alunas conversem sobre quais as características da situação vivida por Latifo são compatíveis com *bullying*. Durante a discussão, apoie-os para que percebam que:

- O comportamento dos alunos e alunas que zombam de Latifo é um padrão, ou seja, é algo que se repete regularmente; não é um episódio isolado.
- É um comportamento intencional, ou seja, os rapazes e raparigas que o praticam têm intenção de zombar de Latifo.
- Existe um desequilíbrio de poder: os estudantes que zombam de Latifo estão na escola há mais tempo e são muitos contra um.
- A vítima sente-se vulnerável e não se considera capaz de se defender.

5. Assim que os alunos e as alunas souberem identificar claramente as características do *bullying*, chame a atenção para o impacto que essa situação produz em Latifo. Peça que exercitem a empatia e que pensem sobre: a) como se sentiriam se estivessem no lugar dele; b) o que desejariam que as pessoas que observam as cenas de *bullying* fizessem.

6. Chame a atenção para a personagem de Daniel. Peça que os/as alunos/as identifiquem como ele se sente e que pensem nos motivos que o levam a estar incomodado. Proponha que conversem sobre o tema e que comentem se já passaram por incómodos semelhantes.

7. Agora que a situação já foi analisada, chegou o momento de pensar em como

agir. Divida a classe em subgrupos de cerca de seis pessoas. Esses grupos irão imaginar desfechos positivos para a história. Alguns subgrupos devem colocar-se no lugar de Latifo, e outros no lugar de Daniel. Oriente os grupos a retomar o que foi discutido na actividade anterior sobre a importância de romper o silêncio em situações de violência e, então, proponha que os grupos pensem em qual seria a melhor atitude a tomar.

Deixe que os grupos discutam por uns minutos e, depois, abra um grande círculo, para que os alunos e as alunas apresentem as soluções. À medida que apresentarem, oriente-os a lembrarem-se: dos círculos em que indicaram as pessoas a quem poderiam recorrer para pedir ajuda; da possibilidade que cada um tem de contribuir para a construção de um ambiente seguro na escola, seja oferecendo apoio a quem se encontra em situação difícil, seja pedindo ajuda, em caso de necessidade.

8. Depois de ouvir as apresentações dos grupos, amplie os conhecimentos dos alunos e das alunas, esclarecendo que:

- O *bullying* pode envolver diversas formas de violência física (pontapés, empurrões, socos, destruição de bens, etc.), psicológica (ameaças, humilhações, ridicularização, etc.), verbais (apelidos, ofensas, insultos, etc.) e sexual (abuso, toques não consentidos, etc.).
- Muitas vítimas de *bullying* mantêm-se em silêncio sobre o problema, o que só agrava a situação.
- Determinados comportamentos dos adultos, tais como castigos corporais, agressões verbais e outros tipos de violência, podem estimular o *bullying*. Portanto, é importante que todos saibam como usar a Caixa de Reclamações e Sugestões e que podem conversar com Pontos Focais (Género e Saúde) e com o Director da Escola e membros do Conselho de Escola para fazer denúncias e pedir ajuda caso haja comportamentos violentos por parte dos adultos com quem convivem na escola.
- Os principais desencadeadores do *bullying* são: deficiência, Género, pobreza ou estatuto social, diferenças étnicas, linguísticas ou culturais, aparência física, orientação sexual e expressão da identidade de Género.
- Violência na escola e *bullying* afectam a saúde física, mental e emocional das crianças e dos adolescentes, assim como interferem negativamente no seu desempenho escolar.

A actividade 5, que aborda o tema “Apoio psicossocial”, traz informações que podem ser complementares, sobretudo no que se refere à importância de romper o silêncio e de praticar uma escuta empática quando são relatados casos de violência.

Finalização

Para encerrar a actividade, volte à história de Latifo, finalizada com as contribuições dos alunos e alunas, e proponha que, em grupos, os estudantes preparem uma encenação para ser apresentada na escola.

Um grupo pode preparar a encenação, enquanto outro grupo pode preparar-se para fazer uma mini-palestra posterior à apresentação da dramatização, com o objectivo de explicar à audiência:

- O que é *bullying*;
- As consequências desse tipo de violência;
- A importância de tanto as vítimas quanto aqueles que presenciam episódios de *bullying* fazerem a denúncia;
- Como denunciar (pela Caixa de Reclamações e Sugestões, ou directamente ao Director/Directora ou ao/à Ponto Focal de Género ou de Saúde escolar).

O *bullying* é uma das formas de violência mais frequentes no ambiente escolar. O desenvolvimento de competências como **empatia, relacionamento interpessoal, cooperação e comunicação efectiva** empodera os alunos e as alunas para que saibam denunciar, proteger-se e actuar para que a escola se torne um ambiente mais seguro.

ACTIVIDADE 4 – Violência Baseada no Género

Objectivos	Compreender o conceito de Violência Baseada no Género. Identificar situações de Violência Baseada no Género e saber como denunciar. Reflectir sobre a importância da denúncia para evitar a perpetração de comportamentos violentos.
Conteúdos	Violência Baseada no Género, estereótipos e normas de Género.
Competências	Empatia, cooperação, comunicação, pensamento crítico, participação, tomada de decisão.
Antes da aula	Reveja no Glossário os conceitos de estereótipos de Género, normas de Género e Violência Baseada no Género. Organize o Espaço Seguro para que os alunos e alunas se sentem em círculo.



Pormenor de algumas das mensagens pintadas numa estação de autocarros em Gaza, durante uma actividade de ativismo pela eliminação da violência baseada no Género. Foto: ASCHA Moçambique

Desenvolvimento da aula

1. Recorde a história de Ilda, ressaltando que ela conseguiu sair da situação de violência graças ao apoio dos pais, que perceberam os maus-tratos que ela sofria e a ajudaram a recomeçar um novo projecto de vida, que incluía voltar à escola. Comente que os pais de Ilda estavam atentos aos sinais de violência e estavam também sensibilizados sobre a importância de tirar a filha dessa situação.
2. Proponha que os alunos e alunas ouçam a história de Celeste, apresentada no início do módulo.
3. Proponha que identifiquem as formas de violência física sofridas por Celeste (espancamento, tentativa de atropelamento, rapto, entre outras). Depois, peça que identifiquem as formas de violência psicológica (ameaças constantes, que causaram medo e exaustão, sabotagens) e violência sexual (tentativa de violação).
4. Peça que imaginem quais os sentimentos que impediam a Celeste de pedir ajuda aos familiares. Ajude-os a perceber que ela pode ter sentido vergonha, medo da reacção dos pais, receio de que eles pensassem que ela havia feito algo de errado para despertar a fúria do parceiro, entre outras possíveis causas. Discuta com os alunos e alunas as consequências negativas do silêncio sobre o problema e recorde-os dos desenhos que fizeram na sessão anterior, sobre as pessoas e instituições a quem recorreriam em caso de necessidade.
5. Oriente os alunos e alunas a perceberem que tanto a família do parceiro de Ilda quanto a do namorado de Celeste baseiam o comportamento agressivo em desigualdade de poder, ou seja, sentem-se mais poderosos do que as raparigas e fazem isso com base em estereótipos e normas de Género. Proponha que os alunos e alunas identifiquem quais são esses estereótipos e normas (a ideia de que a mulher deve

servir ao parceiro, depender do parceiro, aceitar as condições que o parceiro lhe impõe, entre outras). Esclareça que, como as questões de Género estão na base desses actos de violência, esses casos são considerados exemplos de Violência Baseada no Género.

6. Proponha que os alunos e alunas refiram outros exemplos de VBG que tenham identificado nas suas comunidades, e que tenham sido praticados por parceiros, pais, professores, colegas de escola. Ouça os exemplos e ajude os alunos e alunas a entenderem se são, de fato, casos de VBG. Traga outros exemplos

para os alunos analisarem, como:

- Na escola

Rapazes ridicularizam uma rapariga por perceberem que ela está menstruada.

Um rapaz tenta beijar uma rapariga, ela diz que não quer, mas ele insiste e diz que ela diz que não, mas que no fundo ela quer.

Um professor pede a uma rapariga que ela fique na sala depois de todos saírem. Quando estão sozinhos, ele a acaricia e diz que, se ela deixar, ele vai melhorar as suas notas.

- Em casa

O pai diz à filha que ela não serve para nada.

A mãe de uma rapariga bate nela quando ela não consegue terminar o trabalho doméstico.

Um amigo da família toca o corpo de uma menina quando outros adultos não estão por perto.

Fale destes e outros exemplos e estimule os alunos e alunas a explicarem: por que são exemplos de *violência*; por que são *baseados no Género*; por que é importante denunciar. Recorde os mecanismos de denúncia:

Para casos de violência que ocorrem dentro da escola:

- Linha Fala Criança (LFC), por meio de uma chamada telefónica para o número 116, que será atendida por profissionais preparados para pedir os dados necessários para fazer o encaminhamento do caso;

- Caixas de Reclamações e Sugestões colocadas nas escolas, onde se pode colocar um bilhete com a descrição do caso e a informação suficiente para que a escola possa depois dar seguimento e agir;

- Exposição directa do caso ao/à Ponto Focal de Género, ao/à Professor/a de Saúde ou ao Conselho de Escola.

Para casos de violência que ocorrem fora da escola:

- Linha Fala Criança (LFC), por meio de uma chamada telefónica para o número 116;
- Denúncia feita directamente à Polícia, CAI, Posto de Saúde ou SDSMAS.⁹

Finalização

Jogos dos papéis

O grupo será dividido em três. Cada um desses subgrupos assumirá o papel de um grupo de amigos e amigas muito bem informados e dispostos a aconselhar os envolvidos para que a situação de Celeste seja resolvida.

- **Subgrupo 1: amigos e amigas da Celeste:** Este grupo deve simular uma conversa com Celeste. Será preciso pensar em argumentos bem sólidos para fazê-la entender que é vítima de Violência Baseada no Género e convencê-la a denunciar. Será importante pensar em informações detalhadas sobre como ela deve proceder para fazer a denúncia.

- **Subgrupo 2: amigos do namorado de Celeste.** Este grupo deverá simular uma conversa com o namorado de Celeste. Será preciso alertá-lo sobre os problemas que o comportamento dele causa tanto à Celeste quanto a ele mesmo, que pode ser punido pelas agressões caso Celeste o denuncie.

- **Subgrupo 3: amigos dos pais de Celeste.** Este grupo tem a tarefa de conversar com os pais da Celeste e ajudá-los a saber o que podem observar no comportamento da filha, para identificar sinais de violência física e psicológica, e o que podem fazer para ajudá-la a sair da situação em que se encontra.

Se os grupos tiverem dúvidas, o/a professor/a apoia, revendo com eles os conteúdos discutidos durante a primeira parte da sessão. No final, os grupos apresentam os seus trabalhos. Para encerrar, o/a professor/a conversa sobre a importância de os/as alunos/as estarem atentos e preparados para fazer o mesmo na vida real, isto é: reconhecer sinais de Violência Baseada no Género, encorajar os envolvidos a procurar uma solução para o problema e fazer denúncias às instâncias competentes.

⁹ Fonte: MINEDH, 2021. *Mecanismo Multisectorial para a Prevenção, Denúncia, Encaminhamento e Resposta à Violência contra Crianças nas Escolas, Incluindo Assistência às Vítimas.*

Elaborando diálogos com a intenção de informar e aconselhar, os alunos e as alunas assimilam os conteúdos que aprenderam e usam-os para resolver um problema. Assim, desenvolvem as competências de **empatia, cooperação, participação, pensamento crítico, comunicação e tomada de decisão**.

Os estudantes aprendem que as histórias de violência devem ser contadas e devem ser ouvidas com empatia. Aprendem também a fazer denúncias e procurar ajuda. **Quebrar o silêncio** sobre situações de violência é um passo fundamental que precisa de ser ensinado a todas as crianças e adolescentes.

ACTIVIDADE 5 – Apoio psicossocial às vítimas de violência

Objectivos	Reconhecer situações de vulnerabilidade psicossocial. Saber como proceder para apoiar colegas em situação de stress.
Conteúdos	Apoio psicossocial, mecanismos para denúncia de casos de violência.
Competências	Resiliência, auto-gestão, empatia, cooperação, comunicação, criatividade.
Antes da aula	Reveja no Glossário o conceito de apoio psicossocial e os mecanismos para denúncia de casos de violência. Organize o Espaço Seguro para que alunos e alunas se sentem em círculo e forneça a cada aluno/a uma folha de papel e um lápis ou caneta.



Uma das 123 professoras e professores formadas, em Manica e Sofala, na metodologia do cartão verde, para promover a aprendizagem através do jogo na sala de aula. Foto: UNICEF Moçambique / Bruno Pedro

Desenvolvimento da aula

1. Recorde a história de Celeste.
2. Proponha que os alunos e alunas pensem nos sentimentos que as situações de violência e ameaça a fizeram sentir. Em seguida, peça que pensem sobre o quanto esses sentimentos se intensificavam por ela se manter calada, sem partilhar a sua angústia com as pessoas da sua confiança.
3. Oriente os alunos e alunas a criar imagens que ajudem a representar o crescimento incessante de algo dentro de um recipiente que não aumenta de tamanho. Por exemplo: muita pressão dentro da panela de pressão; muito ar dentro de um balão; muita água a correr para dentro de um pote de vidro. Peça que pensem nesses recipientes sendo mais e mais cheios, até se desintegrarem. Proponha que imaginem essa situação de saturação por uns segundos. Então os interrompa e proponha que pensem: qual é o único modo de evitar a destruição do recipiente?
4. Estabeleça a relação entre a imagem criada e a situação de Celeste, que estava a cada dia mais amedrontada, sentindo mais pressão pelas ameaças, possivelmente pensando que ela era culpada pela situação. Essa pressão poderia ter sido aliviada através da quebra do silêncio e da busca por espaços seguros, em que ela pudesse falar sobre o que se vivia e sentia.
5. Estimule os alunos e as alunas a pensarem em mensagens que podem ser transmitidas a pessoas que se encontram nessa situação. Peça que se organizem em pequenos grupos de 4 a 6 pessoas e que cada grupo elabore uma frase de estímulo, como por exemplo: "Se estás a sentir-te muito assutado/assustada, pensa numa pessoa que pode ouvir-te e conversa com essa pessoa". "Se estás a sentir-te muito angustiado/a e não sabes com quem conversar, procura um serviço de denúncia anónima, como a Linha Fala Criança. Telefona para 116 e conta o que te causa medo". "Sempre existe alguém que pode ouvir e apoiar-te". Dê alguns exemplos e depois peça que os grupos criem outros. Depois de um tempo, organize novamente o grande círculo e convide alunos e alunas a partilharem as suas criações.
6. Chame a atenção para as características da escuta empática, ou seja, a escuta que tem como princípio o acto de nos colocarmos no lugar do outro e tentarmos adoptar o seu ponto de vista. Quando um colega partilha uma situação de violência de que tenha sido vítima, é importante ouvir sem julgar e, antes de tudo, ajudar a pessoa a acalmar-se. Faça uma rodada de exercícios que acalmam, como: fechar os olhos, inspirar e pensar que uma cor agradável entra no corpo e expirar a pensar que uma cor cinzenta sai; inspirar e imaginar um círculo a aumentar de tamanho e expirar e imaginar o círculo a reduzir-se. Converse com os alunos e as alunas sobre como se sentiram ao fazer os exercícios. Explique que eles podem ser úteis para ajudar pessoas que precisam de se acalmar.

7. Além de ajudar a acalmar alguém e de ouvir sem julgar, também é preciso saber dar orientações sobre as instâncias que podem ser accionadas para fazer denúncias: LFC, Caixa de Reclamações e Sugestões, conversas com o/a Ponto Focal de Género, Professor/a de Saúde, Conselho de Escola, esquadra, ou, no caso de violência sexual ou violência física grave, CAI, Posto de Saúde ou SDSMAS.¹⁰

8. Explique aos alunos que o apoio oferecido para que a vítima se acalme e se fortaleça para recomeçar é chamado de *apoio psicossocial*. Explique o sentido da palavra:

“Psico” – o estado psicológico de uma pessoa / “Social” – o contexto social (a rede social, um grupo de amigos/as, a família, a escola, o clube desportivo, a comunidade, a sociedade, etc). / “Psicossocial”: conjugação de dois aspectos-chave na vida que determinam o bem-estar de uma pessoa. É importante que se crie na escola um ambiente favorável ao apoio psicossocial, mas é preciso ter em conta que há casos em que é necessária uma intervenção especializada, feita por profissionais dos SDSMAS ou nos hospitais e centros de saúde. Casos de depressão, auto-flagelação, isolamento social, pensamentos sobre suicídio, entre outros, requerem apoio profissional. Crie oportunidades para que os alunos e alunas conversem sobre esse tema, esclareçam dúvidas sobre saúde mental e reconheçam a importância de pedir e de oferecer apoio.

Finalização

Brigada de apoio psicossocial

Os alunos e as alunas vão aprender a actuar como brigada para divulgar o que aprenderam pela escola. Para isso, será preciso executar algumas tarefas:

- Dois ou três integrantes devem se preparar para ler a história de Celeste em voz alta.
- Um grupo deve preparar-se para explicar que a. Celeste é vítima de VBG e que essa situação a coloca em condição de vulnerabilidade psicossocial.
- Outro grupo deve explicar que, para sair da situação em que se encontra, a Celeste precisa de estar calma. Este grupo deve saber explicar as técnicas que podem ser usadas para ajudar uma pessoa a *acalmar-se*.
- Outro grupo encarrega-se de explicar que o segundo passo é *saber falar* sobre o problema, o que inclui *saber ouvir*. Esse grupo dará dicas sobre como falar e como ouvir de modo a contribuir para ajudar as pessoas que precisam de apoio psicossocial.

¹⁰ Fonte: MINEDH, 2021. *Manual sobre Apoio Psicossocial (AP) no sector de Educação*

- O quarto grupo encarrega-se de explicar porque é que a saúde mental de Celeste está ameaçada.

- O quinto grupo encarrega-se de explicar a que instâncias a Celeste pode recorrer para pedir ajuda e preservar a sua saúde mental.

A depender das condições, a brigada pode produzir cartazes ou folhetos informativos para espalhar pela escola, a fim de informar alunos e alunas sobre o que é apoio psicossocial e a quem recorrer para procurar esse tipo de apoio.

Com apoio dos professores e professoras, Pontos Focais de Género e de Saúde escolar e representantes do Conselho de Escola, os alunos e alunas da brigada podem fazer apresentações dentro e fora da escola.

Para atravessar os desafios da vida sem perder a saúde mental, os alunos e as alunas precisam construir **resiliência**. Esta actividade inspira a resiliência por meio da **empatia**, da **cooperação**, da **auto-gestão** e da **comunicação**.

ACTIVIDADE 6 – Prevenção e combate às uniões prematuras

Objectivos	Reconhecer as uniões prematuras como uma forma de violência contra a Criança. Conhecer a Lei 19/2019 e reflectir sobre a importância de disseminar a lei e engajar-se no combate às uniões prematuras. Aprender sobre a importância de negociar e de dizer <i>não</i> quando o bem-estar está ameaçado.
Conteúdos	Uniões prematuras, Lei 19/2019.
Competências	Negociação, comunicação, empatia, participação, criatividade.
Antes da aula	Para se preparar para facilitar esta sessão, reveja a definição da competência “negociação”, na parte I deste guião, e as informações sobre “Prevenção e combate a uniões prematuras” e sobre a “Linha Fala Criança”, no Glossário. Para começar a sessão, organize os alunos e alunas em círculo no Espaço Seguro. Na segunda metade da sessão, eles vão dividir-se em dois grupos e, no fim, voltarão a juntar-se.



A Escola Primária de Sambanzo foi uma das escolas escolhidas na província de Sofala para ter um mural que ilustra o que são os direitos das crianças e o outro as uniões prematuras. Foto: UNICEF Moçambique / Bruno Pedro

Desenvolvimento da aula

- 1.** O tema que vai encerrar este módulo é um tipo de violência que priva as crianças, principalmente as raparigas, da sua infância, podendo levar ao abandono escolar e ao parto numa idade prematura, o que pode colocar em risco a vida e a saúde da mãe e do bebé. Esta actividade baseia-se na história “Mistério do Benfica”, que foi lida no módulo 1.
- 2.** Recorde com os alunos e alunas a história de Graça, sobretudo a parte em que são explicados os planos que o pai tem para ela: encaminhá-la aos ritos de iniciação e, depois, ao casamento. Retome os sentimentos de Graça em relação a este plano. Retome também os motivos que levam o pai a planear esse futuro para a filha.
- 3.** Recorde que a professora e a Matrona explicam ao pai que ele não pode envolver Graça numa união prematura. Então, proponha uma reflexão sobre a palavra “prematurado”. Peça aos alunos e alunas que pensem nas seguintes situações: o que pode acontecer se um pai autorizar uma criança a conduzir uma viatura, sem ter feito aulas de condução? O que pode acontecer se um estudante de engenharia projectar um edifício antes de ter tido as aulas que o capacitam para isso? E se uma estudante de medicina for chamada para operar um paciente antes de estar capacitada para tal desafio? O que há em comum entre todos esses exemplos? Explique que esses são comportamentos prematuros e esclareça o sentido da palavra “prematurado”: *pre* – antes / *maturo*: pronto, preparado. Portanto, um comportamento prematuro é aquele que acontece antes que a pessoa esteja pronta, preparada. Ressalte que comportamentos prematuros trazem perigos, prejuízos ou riscos para os envolvidos.
- 4.** Explique que, no caso de uniões com finalidade de constituir família, há uma lei que determina a idade mínima para que isso seja feito: a *Lei de Prevenção e Combate às Uniões Prematuras*, conhecida como Lei 19/2019. Antes da idade mínima estabeleci-

da pela Lei, a união é considerada prematura. Leia para os alunos e alunas este artigo da Lei: “A união entre duas pessoas formada com o propósito imediato de constituir família só é permitida a quem tiver completado 18 anos de idade à data da união” (Artigo 7, Lei 19/2019). Explique que essa Lei deve ser seguida por todos e chame a atenção para o facto de que o plano do pai de Graça envolvia descumprir a Lei.

5. Leia os artigos que determinam a pena a ser aplicada aos adultos que não cumprem a Lei:

“O adulto, independentemente de seu estado civil, que unir-se com uma criança será punido com pena de prisão de 8 a 12 anos e multa até dois anos”, (Artigo 30, Lei 19/2019).

“O pai, a mãe, o tutor, o padrasto, a madrasta, qualquer outro parente, encarregado de guarda da criança ou da sua educação, ou a pessoa que exercer poder equiparável ao parental ou de guarda, que autorizar ou obtiver autorização para união de criança, instigar, aliciar ou não obstar a união, será punido com pena de prisão de 2 a 8 anos e multa até 2 anos, se pena mais grave não couber”, (Artigo 33, Lei 19/2019).

6. Esclareça que a Lei também protege as crianças que já estão envolvidas em uniões prematuras: a união pode ser anulada e o património adquirido durante a união deve ser dividido, sendo que ao adulto cabe um terço e à criança cabem dois terços dos bens.

7. Ressalte que, mesmo que Graça estivesse de acordo com a união, nada mudaria em termos de aplicação da Lei. Proponha, então, que os alunos e as alunas reflectam e discutam sobre quais poderiam ser as consequências da união prematura de Graça para ela, para o pai e para o noivo.

8. Oriente os alunos e alunas sobre as instâncias a que podem recorrer para denunciar uniões prematuras que estejam a ser planeadas ou que já tenham ocorrido. Divulgue o número 116 da Linha Fala Criança, para fazer a denúncia dos casos, e explique como esse serviço pode ser usado, inclusive mantendo o anonimato. Comente sobre as Caixas de Reclamações e Sugestões que geralmente podem ser abertas apenas pelos Pontos Focais de Género, Professores de Saúde e representantes do Conselho de Escola. Esclareça que as denúncias também podem ser feitas no Posto de Polícia ou Esquadra, no Gabinete de Atendimento à Família e Menores, no Centro de Atendimento Integrado (CAI) ou nos SDSMAS.

Finalização

Negociação

Os alunos e alunas irão praticar a competência *negociação*, usando os artigos da Lei como argumentos. Para que a negociação aconteça, os dois lados precisam de se ouvir, analisar a situação, fazer um levantamento das opções e, por fim, saber que há casos em que é preciso dizer *não* quando o bem-estar está ameaçado.

Divida os alunos e alunas em dois subgrupos e explique que um grupo vai representar o pai e outro vai representar Graça. O grupo que representar o pai deverá expor as suas preocupações com o futuro da filha. O que representar Graça terá de expor os motivos que a levam a rejeitar essa ideia e deverá usar os artigos da Lei como argumentos que reforçam o seu ponto de vista. Graça terá de ser capaz de usar os artigos da lei para expor ao pai que o bem-estar de todos ficará ameaçado caso a união prematura aconteça: ela se casará sem ter vontade; ele poderá ser condenado e preso por desrespeitar a lei; a pessoa com que ela se unir poderá, também, ser punida. Durante a encenação da conversa, apoie os alunos e alunas que estiveram em cena, para que se apropriem de trechos da lei e saibam citar alguns desses trechos.

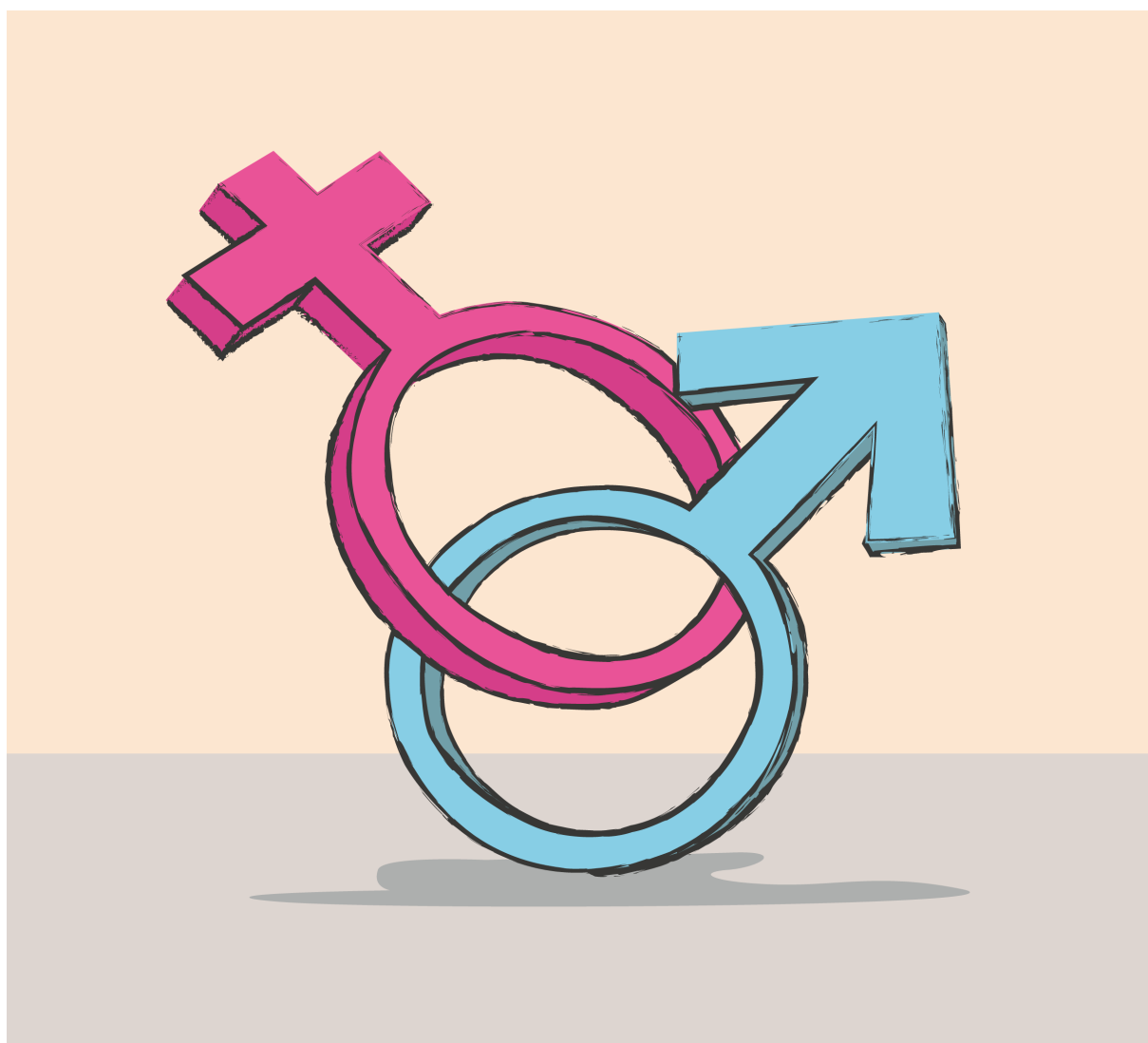
Por fim, com apoio do/da Ponto Focal de Cultura, planeie formas de envolver os alunos na divulgação dessas informações dentro da escola e além dela, possivelmente visitando outras escolas para apresentar a dramatização e divulgar a lei.

Se houver condições, folhetos informativos contendo os artigos a lei podem ser produzidos para integrar um mural a ser consultado por toda a escola.

Esta actividade traz a oportunidade aos estudantes de estes conhecerem **a lei que os protege** e aprendam a **comunicar** para fazer valer os seus direitos.

MÓDULO 4 - SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

Indicado para todas as idades, especialmente para estudantes maiores de 13 anos.



As actividades deste módulo foram baseadas numa história real, protagonizada por uma jovem que faz escolhas informadas e age de forma consciente e responsável em relação à sua Saúde Sexual e Reprodutiva, o que inclui a prevenção ao HIV e às DTSs. As actividades são voltadas para a sensibilização sobre a importância das escolhas informadas e a orientar sobre os recursos disponíveis para procurar informação e aconselhamento. Esse tema será abordado através de três actividades:

- Actividade 1 – A importância de tomar decisões informadas
- Actividade 2 – HIV, SIDA e DTS
- Actividade 3 – Gestão da higiene menstrual

Eva, de 19 anos, que vive com a avó no centro da capital, Maputo, diz que só consegue discutir questões de Saúde Sexual e Reprodutiva com o seu “melhor amigo”. Ela diz que “o SMS Biz é como um melhor amigo, já que posso perguntar as coisas que não consigo falar com a minha avó”.

Eva dá o exemplo de quando ficou confusa sobre se devia começar a ter relações sexuais. “Senti-me pressionada pelo meu namorado; não sabia o que fazer, por isso enviei uma mensagem para o SMS Biz. O conselheiro informou-me que só devia ter relações sexuais quando estivesse pronta e que era melhor esperar. Também me aconselhou a frequentar os Serviços de Saúde Amigos dos Adolescentes e Jovens – SAAJ, disponíveis nas unidades sanitárias”. Eva acrescenta que também recebeu conselhos do SMS Biz noutras ocasiões sobre a testagem do HIV e o uso do preservativo e uma vez quando teve corrimento vaginal.

Após a primeira sessão de aconselhamento, Eva diz que se sentiu mais confiante para negociar com o namorado sobre deixar mais para a frente o começo de relações sexuais. E quando Eva se sentiu pronta, seguiu a sugestão do conselheiro da juventude: ela e o namorado fizeram o teste do HIV e também usaram o preservativo.

Os adolescentes e jovens têm dificuldade em falar abertamente sobre a Saúde Sexual e Reprodutiva, incluindo o HIV. Na qualidade de conselheira do SMS Biz, Celestina Bunque, de 20 anos, explica que “embora exista informação por aí, na nossa cultura é tabu falar sobre estes assuntos”.

No entanto, o SMS Biz consegue ultrapassar isso, como observa Salvador Tsobo, um estudante de 20 anos de Maputo: “A pessoa não se sente embaraçada nem com receio de ver como vai reagir porque é ao telefone. Sinto-me à vontade para falar”.



Aida é uma das coordenadoras da plataforma SMS BIZ, uma ferramenta digital gratuita de engajamento juvenil do UNICEF, utilizada por mais de 100.000 jovens a nível nacional, 40% das quais são raparigas. Foto: UNICEF Moçambique / Cláudio Favrelle

Adaptado de: “Adolescentes e normas sociais”.

Disponível em: <https://www.unicef.org/mozambique/adolescente-e-normas-sociais>. Acesso em 14.12.2021.

ACTIVIDADE 1 – Escolhas informadas

Objectivos	Promover a reflexão sobre a importância das escolhas informadas. Orientar sobre que serviços podem disponibilizar informação. Ampliar a reflexão sobre a importância da negociação e oferecer oportunidades para que essa competência seja praticada.
Conteúdos	SMS Biz, SAAJs, contracepção, Saúde Sexual e Reprodutiva, planeamento familiar.
Competências	Pensamento crítico, resolução de problemas, empatia.
Antes da aula	Reveja no Glossário os conceitos de SMS Biz, SAAJs, contracepção, Saúde Sexual e Reprodutiva, planeamento familiar. O tema HIV será discutido na actividade seguinte, mas é conveniente estar preparado/a para falar sobre ele também, caso os alunos e alunas perguntem. Organize o Espaço Seguro para que os alunos e as alunas se sentem em círculo durante a primeira parte da sessão. Na segunda parte os/as estudantes trabalharão em grupos.



A estudante Atija Siraje, em frente à sua escola, na Ilha de Ibo, com o seu novo material escolar. Foto: UNICEF Moçambique / Mauricio Bisol

Desenvolvimento da aula

1. Leia a história de Eva e chame a atenção para o facto de que, à medida que crescem, as pessoas têm de tomar decisões e fazer escolhas. Quando essas decisões são relevantes, pode haver dúvida sobre o que fazer. Peça que os alunos e alunas identifiquem quais as escolhas que deixaram Eva em dúvida.
2. Peça que pensem sobre quais outras escolhas importantes da vida de um adulto podem gerar dúvidas: casamento, estudos, futuro profissional, planeamento familiar, entre outros.
3. Ressalte que a dúvida não é um problema; ao contrário, é uma nova oportunidade para obter informação confiável, que colabore com uma tomada de decisão consciente e responsável. Para isso, é preciso saber a quem recorrer para pedir informação e aconselhamento. Peça que os alunos e alunas identifiquem a que serviço Eva recorreu. Explique como o SMS Biz pode ser consultado e que tipo de informação pode ser obtida por esse serviço.
4. Chame a atenção para o facto de que o SMS Biz aconselhou Eva a procurar outro serviço antes de decidir começar a ter relações sexuais com o parceiro: os Serviços Amigos de Adolescentes e Jovens (SAAJs), que oferecem orientações sobre planeamento familiar, contraceção e Saúde Sexual e Reprodutiva. Discuta com os alunos e as alunas a importância de procurar esse tipo de serviço antes de começar a ter relações sexuais.

Finalização

Roda de aconselhamento

Eva sentiu-se pressionada pelo namorado, mas cedeu à pressão e procurou informações que a empoderaram para negociar a decisão. Proponha que, em grupos, os alunos e as alunas pensem sobre todas as consequências negativas que Eva poderia ter enfrentado caso não tivesse optado por fazer uma escolha informada (gravidez não planeada, infecções sexualmente transmissíveis, um relacionamento menos pautado no diálogo e no respeito mútuo).

Para finalizar, proponha aos alunos que se reúnam em grupos e, com base nessa reflexão, pensem em aconselhamentos que podem ser dados a rapazes e raparigas que estão a pensar em iniciar a vida sexual. Esses aconselhamentos podem ser escritos em folhas de papel e depois reunidos para formar um mural informativo, ou podem ser apresentados oralmente, como palestras à comunidade.

Ao colocar em prática os aconselhamentos sobre **escolhas informadas**, os estudantes aprendem a proteger-se e a actuar para proteger aqueles com quem convivem.

ACTIVIDADE 2 – HIV, SIDA e DTS

Objectivos	Informar sobre HIV, SIDA e DTSs. Promover a reflexão sobre a importância e os benefícios de procurar informações e aconselhamento sobre HIV, SIDA e DTSs para ter uma boa Saúde Sexual e Reprodutiva.
Conteúdos	HIV, SIDA, DTSs, SAAJs, Saúde Sexual e Reprodutiva.
Competências	Empatia, comunicação, pensamento crítico, auto-gestão, tomada de decisão.
Antes da aula	Reveja no Glossário os conceitos de HIV, SIDA e DTS (incluindo sintomas, transmissão, prevenção e viver com HIV). Organize o Espaço Seguro para que alunos e alunas se sentem em círculo. Providencie papel e lápis ou canetas para todos.



Dezenas de jovens reúnem-se para a sua reunião semanal de apresentação de relatórios do SMS-Biz. O Programa Tecnologia para o Desenvolvimento lançou a plataforma SMS-Biz para o aconselhamento sobre HIV e Saúde Reprodutiva Sexual, liderado por adolescentes. Foto: UNICEF Moçambique

Desenvolvimento da aula

1. Recorde a história de Eva. Desta vez, chame a atenção para o facto de que, quando ela decidiu que era o momento de começar a ter relações sexuais, foi aconselhada a fazer a testagem de HIV e a usar preservativo.

2. Explique o que é o HIV, como é transmitido, quais são os sintomas, como é feito o teste e como pode ser feita a prevenção. Explique o que é a SIDA e o que são as DTSs. Todas essas informações podem ser encontradas no Glossário.

3. Explique que há muitos mitos sobre o HIV e que este é o momento de separar o que é mito e o que é verdade. Esclareça que farão um jogo chamado “mito ou verdade” e que todos podem participar. O jogo acontece assim: os alunos e alunas recebem duas folhas de papel. Numa delas, escrevem MITO; na outra escrevem VERDADE. O/A professor/a faz uma afirmação em voz alta. Ao ouvir, os/as alunos/as levantam a placa, de acordo com o que pensam sobre a afirmação. Então o/a professor/a esclarece se o que foi dito está correcto (verdade) ou se é uma informação falsa (mito). No final, os alunos e alunas marcam um ponto para cada acerto. É preciso enfatizar que todos estão a aprender juntos, portanto ninguém deve ter vergonha de errar. Quanto mais ideias para debater, melhor. Algumas afirmações que podem ser feitas:

- O HIV pode ser transmitido por picada de mosquito. *MITO*
- O HIV pode ser transmitido pelo suor durante a prática de desportos. *MITO*
- Uma pessoa pode ser contaminada pelo HIV na primeira relação sexual. *VERDADE*
- Uma pessoa infectada pelo HIV pode curar-se caso mantenha relação sexual com uma pessoa virgem. *MITO*
- Uma pessoa pode contrair mais que uma DTS ao mesmo tempo. *VERDADE*
- O HIV pode ser transmitido pela saliva. *MITO*
- O HIV pode ser transmitido da mãe para o bebé durante a gestação. *VERDADE*

4. Proponha que alunos e alunas expressem as suas dúvidas. Esclareça-as, ressaltando a importância de que todas as colocações sejam respeitadas e sejam consideradas contribuições para a aprendizagem do grupo. Por fim, ressalte a importância do diálogo com o/a Professor/a de Saúde e o/a Ponto Focal de Género para o esclarecimento de dúvidas futuras e encoraje as visitas às unidades de saúde para obtenção de informação confiável sobre o tema.

Finalização

Jogo do MITO ou VERDADE

Orientados pelo/a professor/a, os/as alunos/as podem elaborar novas afirmações verdadeiras e colectar outros mitos sobre HIV e SIDA para propor um jogo a outras turmas na escola. Se os/as alunos/as tiverem dificuldade para escrever os MITOS ou as VERDADES, o/a professor/a pode ajudar. No final, é conveniente que os/as alunos/as tenham, no mínimo, cinco afirmações verdadeiras e cinco mitos.

Em seguida, é preciso que eles/elas se preparem para aplicar o jogo a colegas de outras classes. Para isso, será preciso:

- ensaiar a forma como vão explicar as regras do jogo;
- ensaiar a leitura das frases;
- preparar-se para responder às perguntas dos colegas.

Saber onde procurar informação confiável e comprometer-se a difundir essa informação são atitudes que favorecem escolhas informadas e saudáveis.

ACTIVIDADE 3 – Gestão da higiene menstrual

Objectivos	Ampliar os conhecimentos sobre gestão da higiene menstrual. Reflectir sobre segurança e bem-estar como um direito de toda a rapariga. Construir senso de responsabilidade colectiva pela segurança e o bem-estar de todos na escola.
Conteúdos	Gestão da higiene menstrual, segurança e bem-estar dos/das estudantes.
Competências	Empatia, resolução de problemas, pensamento crítico, cooperação, participação.
Antes da aula	Reveja no Glossário os conceitos de menstruação, ciclo menstrual e gestão da higiene menstrual. Organize o Espaço Seguro para que alunos e alunas se sentem em círculo.



Celebração do Dia Internacional da Higiene Menstrual com os alunos da Escola Primária Completa Unidade 13 de Chamanculo, em Maputo. Foto: UNICEF Moçambique / Cláudio Favrelle

Desenvolvimento da aula

1. Recorde a história “Mistério do Benfica” (abertura do Módulo 1), dando especial atenção ao facto de a Graça ter tirado pensos da gaveta da irmã e ter aumentado o preço do peixe para conseguir dinheiro para comprar pensos. Converse sobre a atitude dela: errou ao fazer tudo às escondidas, mas estava bem informada sobre alguns dos procedimentos que devem ser adoptados para manter a higiene menstrual.
2. Pergunte aos alunos e às alunas se conhecem os pensos laváveis e se sabem de alguém que os fabrique. Verifique se há entre os estudantes alguém que saiba costurar. Proponha que os alunos discutam a possibilidade de produzir pensos laváveis, que são mais económicos e podem ser bastante eficientes.
3. Esclareça a necessidade de fazer uma boa higiene durante a menstruação, lavando as partes íntimas com água e sabão, para evitar irritações causadas por fungos ou bactérias.
4. Comente os Direitos Humanos que podem ficar ameaçados caso não haja uma boa higiene menstrual (essa informação encontra-se no Glossário, no ponto “Menstruação”). Ressalte que a menstruação não deve impedir as meninas de irem à escola e não deve impedi-las de desfrutar dos seus direitos. A boa gestão da higiene menstrual ajuda a manter as meninas na escola, permitindo que possam brincar, aprender e salvaguardar a sua saúde sem pressão e constrangimentos.

5. Caso as condições materiais da escola não sejam adequadas, por falta de casa de banho, ou por falta de água e de sabão, proponha que os alunos e as alunas pensem em soluções para que a troca de pensos e a higiene ocorram em segurança. Essas soluções vão variar de acordo com as condições de cada escola. É importante ressaltar a questão da segurança: as raparigas devem estar protegidas de qualquer tipo de assédio ou constrangimento enquanto fazem a higiene menstrual.

Finalização

Roda de sugestões

Para encerrar, peça aos alunos e alunas que compartilhem as suas ideias sobre como podem agir colectivamente para melhorar as condições de higiene, segurança e bem-estar das raparigas na escola durante a menstruação. Converse com o/a Ponto Focal de Género sobre a possibilidade de estar presente para ouvir as sugestões dos alunos e alunas e debater com eles, estimulando-os a participar positivamente na busca de soluções para os desafios do quotidiano escolar.

Incentive a solidariedade entre todos diante de um tema que não deve ser um tabu; ao contrário, deve ser tratado com naturalidade, como parte do desenvolvimento saudável do corpo da rapariga. Procure envolver os rapazes na reflexão sobre os desafios vividos pelas raparigas e sobre o compromisso colectivo com a melhoria das condições de segurança e de higiene na escola.

Os alunos exercitam as competências **resolução de problemas, comunicação, cooperação e participação** quando se unem para discutir problemas e para propor soluções.

PARTE III - GLOSSÁRIO DE CONCEITOS

Todos os conceitos abordados nas actividades da PARTE III estão definidos a seguir, em ordem alfabética, para consulta sempre que necessário: no planeamento das actividades ou durante a aula, como apoio às explicações e esclarecimento de dúvidas.

APOIO PSICOSSOCIAL é o apoio que tem como foco a experiência de cada pessoa (pensamentos, emoções, comportamentos) e sua relação com os outros (os pares, os familiares, a comunidade). Apoiar as crianças nas suas necessidades psicológicas e sociais é crucial em situações que geram *stress*, medo e insegurança, podendo deixar marcas profundas e graves consequências para a saúde mental das crianças. Apoio psicossocial envolve, entre outros elementos, estratégias para ajudar a criança a acalmar-se, sentir-se amparada, falar sobre os seus sentimentos e procurar ajuda junto às instâncias competentes.

BULLYING¹¹ é um padrão de comportamento, e não um incidente isolado. Geralmente, pode identificar-se o *bullying* por meio de três características: intenção, repetição e poder. O agressor tem a intenção de causar dor, seja por meio de dano físico ou por palavras ou comportamentos ofensivos, e o faz repetidamente. As crianças e adolescentes que praticam *bullying* geralmente vêm de um estatuto social ou posição de poder mais elevado, como crianças maiores, mais fortes ou mais prestigiadas. As crianças e adolescentes mais vulneráveis correm maior risco de sofrer *bullying*. Frequentemente, são pessoas de comunidades marginalizadas, de famílias pobres, com identidades de Género que não se conformam com as normas tradicionais, com deficiência ou migrantes e refugiados/as.

O *bullying* pode acontecer pessoalmente ou online (*cyberbullying*). O *cyberbullying* geralmente ocorre nas redes sociais, SMS / texto ou mensagem instantânea, e-mail ou qualquer plataforma online onde as crianças interagem.

Para prevenir a ocorrência de *bullying* nas escolas, é importante:

- desenvolver competências sociais e emocionais;
- difundir informação, para que os estudantes saibam identificar, prevenir, denunciar, pedir ajudar e oferecer apoio a colegas que sejam vítimas de *bullying*;
- encorajar a comunidade escolar como um todo a observar, intervir e denunciar casos de *bullying*.

¹¹ Fonte: UNICEF. "How to talk to your children about bullying". Disponível em: <https://www.unicef.org/end-violence/how-talk-your-children-about-bullying>

CICLO MENSTRUAL é um ciclo biológico que gera o potencial para a gravidez. O ciclo menstrual, que dura cerca de 28 dias, podendo ser mais curto ou mais longo, começa com a menstruação (considerada o dia 1 do ciclo). Normalmente nos dias 6 a 8 do ciclo um aumento na hormona estrogénio faz com que o revestimento do útero se torne espesso e esponjoso novamente. Por volta do dia 14, um óvulo é liberado de um dos ovários, processo chamado de “ovulação”. Por volta dos dias 15 a 24, o óvulo move-se através da trompa de falópio em direcção ao útero. Esse é o período de maior fertilidade, ou seja, o período em que é possível que ocorra a gravidez. Se o óvulo não for fertilizado, ele não será implantado na parede uterina, e desfaz-se, o conteúdo que se formou no útero para recebê-lo será eliminado (sangue menstrual) e os níveis de hormonas, como o estrogénio e a progesterona, cairão. Este processo é seguido pelo início de um novo ciclo.

CONTRACEPÇÃO é a prevenção da fecundação do óvulo pelo espermatozóide ou da aderência do óvulo fecundado à parede do útero. O preservativo feminino, as pí-lulas, as injectáveis e o DIU (Dispositivo Intra-Uterino) são os quatro métodos contraceptivos disponíveis para as mulheres em Moçambique. Entre eles, com excepção do preservativo feminino, todos necessitam de exame ginecológico e orientação médica, para garantir a segurança e a eficácia. O preservativo masculino previne a gravidez e as infecções sexualmente transmissíveis, sendo por isso muito recomendado. A abstinência sexual, ou a decisão de adiar o início da vida sexual, é também uma possível opção para alguns casais. Rapazes e raparigas devem ser encorajados a procurar os SAAs para procurar orientações sobre o tema antes de iniciar a vida sexual.

DIREITOS HUMANOS são direitos assegurados a todos os seres humanos, em virtude da sua dignidade humana. O primeiro artigo da Declaração dos Direitos Humanos afirma que: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”. Sendo assim, qualquer tratamento desigual entre seres humanos é considerado uma violação dos direitos humanos.

ESTEREÓTIPOS DE GÉNERO são ideias pré-concebidas e cristalizadas sobre comportamentos e características próprias do homem e da mulher. Os estereótipos produzem generalizações, dificultando a percepção das diferenças entre as pessoas e as suas reais características, o que dá margem a situações de preconceito e discriminação.

FECUNDAÇÃO é o resultado do encontro do espermatozóide com o óvulo, dentro do corpo da mulher, dando origem ao embrião que se tornará um novo ser humano. Para que a fecundação aconteça, é preciso que um homem e uma mulher tenham uma relação sexual durante a qual o material genético do homem (espermatozóide) e da mulher (óvulo) se misturam. Os milhões de espermatozoides que o homem deixa na vagina da mulher durante a relação sexual sobem pelo útero à procura do óvulo. Se um deles encontra um óvulo, ocorre a fecundação. Se o casal deseja ter relações sexuais, mas não deseja que a fecundação aconteça, será preciso recorrer a um método de contracepção, ou seja, um método que impeça o encontro do óvulo com o espermatozóide.

GÉNERO é uma construção social e cultural, que se refere aos papéis e responsabilidades de homens e mulheres. Sexo refere-se às distinções biológicas entre homens e mulheres, ou seja, às características específicas e ao desenvolvimento dos corpos masculinos e femininos. Género é compreendido como uma série de papéis e significados culturais atribuídos a essas diferenças biológicas, que variam de acordo com o contexto sociocultural onde o indivíduo está inserido.

GESTÃO DA HIGIENE MENSTRUAL refere-se à gestão da higiene associada com o processo menstrual, o que inclui informação sobre ciclo menstrual, acesso a produtos adequados para a coleta ou absorção do sangue menstrual, condições de privacidade para a troca desses produtos com a frequência necessária e acesso a água e sabão para lavar o corpo conforme for necessário. Sem uma higiene menstrual adequada, especialmente em climas quentes e húmidos, raparigas e mulheres correm maior risco de infecções com impactos na sua saúde e bem-estar físico e mental.

Alguns **direitos humanos** podem ficar ameaçados devido à desinformação e falta de condições adequadas para a higiene menstrual. São eles:

Direito à saúde – A falta de acesso a materiais e a locais adequados para cuidar da higiene menstrual pode causar impacto negativo na saúde feminina. A falta de informação e de diálogo sobre o tema pode inibir ou impedir que elas procurem tratamento para distúrbios ou dores relacionados à menstruação.

Direito à educação - A falta de um lugar seguro ou capacidade de administrar a higiene menstrual, bem como a falta de medicamentos para tratar a dor relacionada à menstruação, podem contribuir para taxas mais altas de evasão escolar e resultados educacionais ruins.

Direito ao trabalho - O acesso precário a meios seguros de gestão da higiene menstrual e a falta de medicamentos para tratar cólicas e distúrbios relacionados à menstruação também limitam as oportunidades de trabalho para mulheres e meninas. As necessidades relacionadas à menstruação, como pausas para ir à casa-de-banho, podem ser penalizadas, levando a condições de trabalho desiguais. E mulheres e meninas podem enfrentar discriminação no local de trabalho relacionada aos tabus da menstruação.

Direito à não-discriminação e Igualdade de Género - Estigmas e normas relacionadas à menstruação podem reforçar práticas discriminatórias. Tabus e desinformação sobre o tema perpetuam as desigualdades de Género.

Direito à água e ao saneamento - Instalações de água e saneamento, como casas-de-banho privadas, seguras e culturalmente aceitáveis, juntamente com um abastecimento de água suficiente, seguro e acessível, são pré-requisitos básicos para a gestão da saúde menstrual.

Fonte: UNFPA, 2020. *Menstruation and human rights - Frequently asked questions*. Disponível em:

<https://www.unfpa.org/menstruationfaq#what%20is%20menstruation%20and%20its%20cycle>. Acesso em 14.12.2021.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA é um acontecimento que tem graves consequências na saúde da rapariga, sobretudo se ocorrer nos dois primeiros anos após o início da menstruação, quando a pélvis e o canal do parto estão ainda em crescimento. As consequências na saúde podem incluir a morte durante a gravidez, parto e pós-parto, fístulas obstétricas, complicações derivadas do aborto, infecções de transmissão sexual (incluindo HIV) e maiores riscos para a saúde dos bebés. Além das consequências físicas, outros riscos associados à gravidez na adolescência são: maior probabilidade de interrupção dos estudos e menor probabilidade de prosperidade financeira.

As principais ações recomendadas para prevenir a gravidez na adolescência são:¹²

- retenção da rapariga na escola e criação, na escola, de um ambiente seguro e confortável para a rapariga;
- difusão de informação sobre corpo, sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos, Saúde Sexual e Reprodutiva;
- facilitação do acesso a serviços de Saúde Sexual e Reprodutiva;
- prevenção e combate a uniões prematuras;
- empoderamento da rapariga, para que ela seja capaz de lidar com pressões por parte de parceiros, colegas e familiares;
- educação dos rapazes, para que sejam mais informados sobre Saúde Sexual e Reprodutiva e mais preparados para lidar com as responsabilidades relacionadas à vida sexual e à reprodução.

HIV significa *vírus da imunodeficiência humana* (em inglês: *human immunodeficiency virus*). O HIV é um vírus que infecta células do sistema imunológico humano e destrói ou prejudica a sua função. A infecção por esse vírus causa o esgotamento do sistema imunológico, levando à imunodeficiência. O sistema imunológico é considerado deficiente quando não consegue mais cumprir o seu papel de combater infecções e doenças. Pessoas com imunodeficiência são muito mais vulneráveis a uma ampla variedade de infecções e cancro, a maioria dos quais raros entre pessoas sem imunodeficiência.¹³

¹² Fonte: UNFPA. *Gravidez na adolescência. Desafios e respostas de Moçambique*. Maputo: UNFPA, 2013. Disponível em https://mozambique.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/SWOP_Suplemento_PAGINACAOFINAL0312134.pdf

¹³ Fonte: UNAIDS. *HIV and AIDS - Basic Facts*. Disponível em: <https://www.unaids.org/en/frequently-asked-questions-about-hiv-and-aids>. Acesso em 12/05/2021.

Teste para detectar a infecção por HIV: A maneira de determinar se a infecção pelo HIV ocorreu é fazendo um teste de HIV. O teste é feito por um exame de sangue. É importante ressaltar que nem todos os exames de sangue detectam a infecção por HIV. Um hemograma, por exemplo, é um exame que oferece muitas informações sobre a saúde, mas não detecta o HIV. Portanto, quem deseja ser testado precisa explicar claramente à unidade de saúde a intenção de testar para o HIV.

Sintomas de infecção por HIV: A maioria das pessoas infectadas pelo HIV não sabe que foi infectada. Imediatamente após a infecção, algumas pessoas apresentam febre, erupção cutânea, dores nas articulações e aumento dos gânglios linfáticos. Apesar de que a infecção pelo HIV muitas vezes não causa sintomas, uma pessoa recém-infectada pode transmitir o vírus a outra pessoa.

Transmissão do HIV: o HIV é transmitido pelo sangue e por fluídos do corpo, como sêmen, fluídos vaginais e leite materno. O contágio pode ocorrer por relação sexual vaginal, anal ou oral, compartilhamento de seringas e agulhas, transfusão de sangue e também pode ocorrer a transmissão de mãe para filho, durante a gestação, o parto ou a amamentação. O HIV não é transmitido por beijos, abraços, compartilhamento de copos e uso de sanitários.

Prevenção do HIV - A transmissão sexual do HIV pode ser evitada por:

- Relações monogâmicas entre parceiros não infectados.
- Sexo sem penetração.
- Uso consistente e correcto de preservativos masculinos ou femininos.

Não se deve compartilhar agulhas e seringas. Em caso de necessidade de transfusão de sangue, é importante certificar-se de que os protocolos de segurança foram seguidos.

Viver com HIV: Quanto antes a infecção for diagnosticada e o tratamento for iniciado, melhores serão os resultados. Portanto, é importante que os jovens se sintam seguros para procurar cuidados médicos sempre que avaliam que há alguma situação de risco e sempre que notarem algo diferente no corpo. Não há cura para o HIV, mas existe um tratamento eficaz, que, se iniciado prontamente e seguido regularmente, contribui para a manutenção da qualidade de vida. Esse medicamento já está disponível para a população de Moçambique. As pessoas que vivem com HIV têm os mesmos direitos e deveres que as pessoas não infectadas. Devem frequentar a escola, praticar actividades desportivas, frequentar ambientes de lazer e participar de actividades culturais e têm direito a serviços especializados de saúde. Todos esses direitos estão assegurados na Lei 12/2009.

Adaptado de: UNAIDS. *HIV and AIDS: basic facts*. Disponível em: <https://www.unaids.org/en/frequently-asked-questions-about-hiv-and-aids>. Acesso em 14/12/2021.

DTs são infecções sexualmente transmissíveis, causadas por diferentes tipos de bactérias ou vírus, que podem estar nas mucosas, nos fluídos, no sangue, ou mesmo em ambientes não higienizados, como sanitários.

A prevenção de DTs inclui:

- usar preservativo nas relações sexuais;
- não compartilhar seringas, agulhas ou outros objectos que cortam ou furam a pele;
- lavar as mãos após ir à casa de banho e antes de comer ou preparar alimentos;
- exigir instrumentos descartáveis nos consultórios médicos e odontológicos;
- não compartilhar escovas de dentes e outros objectos de higiene íntima e pessoal;
- vacinar-se contra a hepatite B.

São sinais de DTs: comichão ou vermelhidão nos genitais; borbulhas, feridinhas ou verrugas; corrimento com cheiro e quantidade diferente do que se tem habitualmente; inchaço na virilha.

São sintomas de DTs: febres, ardor quando se urina, dor na parte debaixo da barriga.

Fonte: Portal do Governo Brasileiro. Ministério da Saúde. "Infecções sexualmente transmissíveis". Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>. Acesso em 14/12/2021.

LINHA FALA CRIANÇA é um serviço telefónico gratuito de aconselhamento e denúncia de casos de abuso, negligência, tráfico e violência contra a Criança. Também oferece aconselhamento a pessoas que tenham dúvidas sobre esses temas. Para usar o serviço, basta fazer uma chamada telefónica para o número 116 e falar com o/a operador/a. Tanto a vítima da violência quanto pessoas que tenham conhecimento de casos de violência podem fazer denúncias e pedir aconselhamento de forma anónima por meio da Linha Fala Criança.

MECANISMO MULTISSECTORIAL PARA A PREVENÇÃO, DENÚNCIA, ENCAMINHAMENTO E RESPOSTA À VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS NAS ESCOLAS, INCLUINDO ASSISTÊNCIA ÀS VÍTIMAS – o Mecanismo descreve os tipos de violência a que as crianças estão expostas, informa sobre o quadro legal que as protege, indica as responsabilidades de diferentes actores governamentais e não-governamentais em relação ao tema e apresenta um fluxograma completo para a denúncia, encaminhamento, resposta e assistência à vítima, de modo a informar claramente a quais instâncias deve-se recorrer em cada situação.

MENSTRUACÃO é o processo por meio do qual o útero elimina sangue e tecidos através da vagina, todos os meses, por períodos que podem se estender de 2 a 5

dias, em média. Ainda que seja parte natural do desenvolvimento de todas as mulheres em idade reprodutiva, a menstruação pode ser fonte de medo, dúvidas e inseguranças. Isso ocorre tanto por falta de informação adequada sobre o que é e porque a menstruação acontece, quanto por uma série de tabus que, historicamente, foram criadas em torno do tema. Esses problemas só podem ser resolvidos por meio da disseminação de informação adequada sobre o corpo e as diferentes fases do ciclo menstrual ao longo da vida da mulher e por meio do acesso a serviços de Saúde Sexual e Reprodutiva.

NORMAS DE GÊNERO são ideias sobre como os homens e as mulheres devem agir, vestir-se e expressar-se. As crianças aprendem essas normas e expectativas à medida que crescem, por meio de diversas fontes (pais, amigos, professores e *media*) e isso influencia o seu modo de agir. As normas de Gênero variam de acordo com as diferentes culturas, são criadas pelas próprias sociedades e são também transformadas pela sociedade, ao longo do tempo.

PLANEAMENTO FAMILIAR é a possibilidade de aceder a informação, meios e métodos que possibilitam que as pessoas decidam *se* e *quando* querem ter filhos. Isso inclui ter acesso e saber usar uma série de métodos contraceptivos, ou seja, recursos para evitar a gravidez, que podem ser usados tanto pelos homens como pelas mulheres, sendo alguns métodos mais seguros e adequados que outros, a depender de cada casal.

PREVENÇÃO E COMBATE A UNIÕES PREMATURAS - A Lei de Prevenção e Combate às Uniões Prematuras (Lei n.º 19/2019), publicada a 22 de outubro de 2019, define que “a união entre duas pessoas formada com o propósito imediato de constituir família só é permitida a quem tiver completado 18 anos de idade à data da união”.

Alguns artigos da Lei de Prevenção e Combate às Uniões Prematuras:

“O adulto que, por si ou por interposta pessoa, noivar uma criança conhecendo a idade desta, será punido com pena de prisão até 2 anos” - Artigo 25

“O servidor público que, no exercício das suas funções, de forma consciente, celebrar ou autorizar a celebração de casamento no qual ambos ou um dos esposados é criança, será punido com pena de prisão de 2 a 8 anos e multa até 2 anos” - Artigo 26

“O adulto, independentemente do seu estado civil, que unir-se com a criança será punido com pena de prisão de 8 a 12 anos e multa até dois anos” - Artigo 30

“Aquele que colaborar para que a união com uma criança tenha lugar, ou que por qualquer outra forma concorra para que produzam os seus efeitos, desde que tenha conhecimento de que a união envolve criança, será punido com pena de prisão e multa até 1 ano” - Artigo 31 “A pena de prisão de 8 a 12 será aplicada a quem entregar criança para união em troca de algum bem ou valor, para pagamento de dívida, como cumprimento de promessa, como dádiva ou para qualquer outra finalidade contrária à lei” - Artigo 32

“O pai, a mãe, o tutor, o padrasto, a madrasta, qualquer outro parente na linha recta e qualquer parente até ao terceiro grau na linha colateral, o encarregado de guarda da criança ou da sua educação, ou a pessoa que, de boa fé, tiver a criança na sua dependência ou sobre ela exercer poder equiparável ao parental ou de guarda, que autorizar ou obtiver autorização para união de criança, instigar, aliciar ou não obstar a união, será punido com pena de prisão de 2 a 8 anos e multa até 2 anos, se pena mais grave não couber” - Artigo 33

Fonte: Boletim da República. Imprensa Nacional de Moçambique. “Lei de Prevenção e Combate às Uniões Prematuras”. Disponível em:

<https://www.unicef.org/mozambique/media/1991/file/Lei%20de%20Preven%C3%A7%C3%A3o%20e%20Combate%20as%20Uni%C3%B5es%20Prematuras%20em%20Mo%C3%A7ambique.pdf>. Acesso em 14/12/2021.

PUBERDADE é o período do desenvolvimento humano em que acontece o amadurecimento sexual. O processo de amadurecimento ocorre lentamente e envolve mudanças que não são visíveis, porque ocorrem nos órgãos internos, e outras que podem ser observadas externamente, como a mudança de voz, no caso dos meninos, e a primeira menstruação, no caso das meninas. Não há uma idade exacta para que os primeiros sinais de puberdade apareçam, isso varia de pessoa para pessoa, mas é correcto afirmar que, para grande parte dos adolescentes em todo o mundo, a puberdade acontece entre os 10 e 13 anos para as raparigas e entre 12 e os 14 anos para os rapazes. As transformações podem ser fonte de angústia e preocupação por parte das crianças, afinal, lidar com um corpo em constante transformação traz alguns desafios e muitas dúvidas. Informações sobre o desenvolvimento físico e psicológico e diálogo com interlocutores confiáveis são caminhos eficazes para acalmar essas angústias.

- **Principais transformações nos rapazes durante a puberdade:**

- Primeira ejaculação (liberação de sémen através do pênis);
- Aparecimento de pêlos na região próxima ao pênis, nas axilas e no rosto;
- Desenvolvimento do órgão reprodutor (pênis e testículos);
- Crescimento corporal (altura e ombros, principalmente);
- Mudança na voz (engrossamento);
- Aparecimento da maçã-de-adão;
- Surgimento de acne (espinhas) por causa de mudanças hormonais;
- Ejaculação involuntária durante o sono.

- **Principais transformações nas raparigas durante a puberdade:**

- Desenvolvimento das glândulas mamárias (seios);
- Aparecimento de pêlos na região da vulva e nas axilas;
- Rápido crescimento corporal;
- Surgimento de acne (espinhas) por causa de mudanças hormonais;
- Crescimento da região da bacia (ancas);
- Surgimento da menstruação.

- **Principais transformações socioemocionais durante a puberdade e a adolescência:**

- Intensificação da vida social e do desejo de conviver com outros jovens e pertencer a grupos de pares (outros/as adolescentes), não mais mediados por pessoas adultas.
- Intensificação da reflexão sobre a própria identidade: quem sou eu? Como eu me vejo? Como outros me veem?
- Sensibilidade a comentários, avaliações e julgamentos.
- Desejo de correr riscos, sentir-se desafiado, fazer conquistas, receber recompensas.
- Aumento progressivo da autonomia, ou seja, da capacidade de analisar situações, avaliar riscos, formular estratégias e tomar decisões sem a mediação dos adultos.

- Aumento do interesse por temas éticos, políticos e sociais, desejo de entender o mundo em que vive.
- Intensa experimentação nos diferentes campos da vida; vivência de situações novas e factos inéditos.

Fonte: John Hopkins Medicine, GDC UNICEF, 2020. *The growing child. Adolescent 13 to 18 years*. Disponível em:

<https://gdc.unicef.org/resource/growing-child-adolescent-13-18-years>.

UNICEF Programme Guidance for the Second Decade: Programming with and for Adolescents. New York: UNICEF. Disponível em <https://www.unicef.org/media/57336/file>.

WHO. *Adolescent health and development*. <https://www.who.int/westernpacific/news/q-a-detail/adolescent-health-and-development>

Acesso em 14/12/2021.

SAAJs (Serviços Amigos dos Adolescentes e Jovens) Serviço gratuito oferecido nas unidades sanitárias a jovens dos 10 aos 24 anos, para oferecer informações sobre Saúde Sexual e Reprodutiva, contracepção e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e para a realização de consultas e testes, com segurança e sigilo.

SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA é um estado de completo bem-estar social, físico e mental em todos os aspectos relativos ao sistema reprodutivo, ou seja: vida sexual satisfatória e segura, capacidade de se reproduzir, bem como liberdade para decidir quando e quantas vezes isso vai ocorrer. Para manter a Saúde Sexual e Reprodutiva: i. homens e mulheres precisam ter acesso a informação precisa e aos métodos contraceptivos seguros, eficazes, acessíveis, aceitáveis e à sua escolha; ii homens e mulheres devem ser informados e capacitados para se proteger de infecções sexualmente transmissíveis; iii. quando decidem ter filhos, as mulheres devem ter acesso aos serviços que podem ajudá-las a ter gravidez e parto seguros e um bebê saudável.

SMS BIZ é um serviço de aconselhamento por SMS. Para ter acesso, os interessados devem enviar um SMS com a palavra “JUNTAR” para o número 9 22 22, aguardar que algumas perguntas para cadastro sejam enviadas e responder a elas. Efectuado o cadastro, o usuário pode encaminhar a sua dúvida, que será respondida por um conselheiro devidamente preparado para exercer essa função. O objectivo do serviço é esclarecer questões referentes à Saúde Sexual e Reprodutiva (dúvidas e pedidos de aconselhamento). Caso os usuários comuniquem informações sensíveis, como situações de abuso ou violência, os conselheiros abrem um arquivo com o caso, para acompanhamento, e orientam o usuário para as instâncias que podem ser accionadas.

SIDA significa *síndrome da imunodeficiência adquirida*. A SIDA é o estágio mais avançado da infecção por HIV. O nível de imunodeficiência ou o aparecimento de certas infecções são usados como indicadores de que a infecção por HIV progrediu para SIDA.

VIOLÊNCIA BASEADA NO GÉNERO é qualquer acto que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual, psicológico ou sofrimento a alguém (de qualquer idade), com base nas expectativas e estereótipos de papéis de Género, incluindo pancadas, assédio e abuso sexual, violência relacionada ao dote, violação conjugal, exploração, assédio sexual e intimidação no local de trabalho, nas escolas e em qualquer outro lugar, tráfico de mulheres, prostituição forçada, entre outras formas de violência.

Tipos de violência

Abuso sexual “é qualquer acto de natureza sexual, envolvendo ou não relação sexual. O abuso sexual inclui: carícias sem consentimento, beijo com o uso da força, insinuações indecentes, tentativas de beijar com o uso da força, propostas sexuais indecentes, tentativas ou consumação da relação sexual com recurso à força ou à sedução”, (MINEDH, 2015).

Assédio Sexual “é: i) o ato de constranger sexualmente alguém com promessa de benefício de qualquer natureza; ii) abusar da autoridade que lhe conferem as suas funções ou assediar sexualmente outra pessoa com ordens, coerção ou intimidação para obter vantagens ou benefícios de natureza sexual e iii) constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico, por meio de ameaça ou coerção”, (Código Penal).

Violência Física “consiste em bater, pontapear, mandar ajoelhar, mandar fazer trabalhos como castigo ou punição, puxar as orelhas. Por exemplo quando um professor bate num aluno porque não fez trabalhos de casa ou fez alguma indisciplina”, (MINEDH, 2015).

Violência Psicológica “consiste em usar palavras agressivas para ofender a criança ou outra pessoa. Por exemplo, quando o professor chama uma criança de burra, estúpida ou preguiçosa.” (MINEDH, 2015). São também manifestações de violência psicológica: ameaças, perseguições, humilhações, chantagem, insultos e outras situações que causem dano emocional e diminuição da autoestima, prejudiquem e perturbem o pleno desenvolvimento do indivíduo.

Violência Sexual de Crianças é o uso de crianças para fins sexuais, com ou sem uso da força, até mesmo com o seu consentimento. Por exemplo: i) envolvimento sexual de um professor com uma aluna; ii) exhibir à criança filmes e fotos pornográficos ou imagens de órgãos genitais; iii) tocar nas partes íntimas das crianças ou pedir que a criança toque”, (MINEDH, 2015).

Sinais de violência

Física:

- Dores diversas, ferimentos, fractura dos ossos, hematomas, gravidez indesejada, doenças sexuais incluindo HIV e SIDA, urinar na cama sem se aperceber, apresentar desordem intestinal e ou problemas menstruais.
- Em casos extremos, algumas crianças podem chegar a ter pensamentos suicidas ou impulsos criminosos.

Emocional/Psicológica:

- Medo, dificuldade de comunicação, gagueira, hábito de roer as unhas, fuga de casa para viver na rua;
- Tristeza, vergonha, desconfiança, sentimentos de culpa, sentimento de solidão, injustiça, confusão, agressividade, depressão, falta de esperança;
- Negação do abuso sofrido, pesadelos, perda de memória, nervosismo, etc.

Social:

- Isolamento, dificuldade em confiar nos adultos, passividade;
- Baixo desempenho escolar, perda da auto-confiança como estudante;
- Às vezes, essas crianças sentem-se incapazes de tomar decisões sozinhas, têm medo e não se sentem seguras de si;
- Muitas vezes as crianças que sofrem violência e abusos replicam o que sofreram.

A responsabilidade de denunciar casos de violência

Uma vez identificados os casos de violência, é importante que estes sejam denunciados e encaminhados. É de salientar que por lei a denúncia é obrigatória, especialmente para os sectores da Educação, Saúde e Acção Social (Artº20, Lei nº7/2008, de 97). Existem mecanismos de denúncia variados, adequados à pessoa que identificou o caso (aluno/criança ou adulto) e à gravidade do caso de violência.

Dentro da escola

Quando o caso é identificado por um aluno e este quer preservar o seu anonimato pode fazer a denúncia através da Linha Fala Criança (LFC) com uma chamada telefónica gratuita para o número 116, ou através das Caixas de Reclamações e Sugestões colocadas nas escolas, por meio de um bilhete com a descrição do caso e informação suficiente para que a escola possa depois dar seguimento e agir. Outra via de denúncia é a exposição directa do caso ao Ponto Focal de Género, ao Professor de Saúde ou ao Conselho de Escola.

Nos casos de violência sexual ou violência física grave a pessoa que identifica o caso (criança ou adulto) deve dirigir-se a um Posto Policial ou Esquadra, a um Gabinete de Atendimento à Família e Menores, Centro de Atendimento Integrado (CAI) e/ou a um Posto de Saúde (para a vítima poder ter acesso a medicamentos para evitar gravidez e para evitar a transmissão do HIV-SIDA e outras doenças sexualmente transmissíveis).

Fora da escola

Quando o caso de violência é identificado fora da escola, normalmente por um membro da família ou da comunidade, a denúncia deve ser feita através da LFC (no caso de se querer manter o anonimato), ou directamente ao Posto Policial ou Esquadra, a um Gabinete de Atendimento à Família e Menores, ao Centro de Atendimento Integrado (CAI) e/ou a um Posto de Saúde.

Em alguns casos, a comunidade prefere denunciar à autoridade local que, mesmo não tendo mandato para resolução deste tipo de casos, tem a obrigação de fazer a denúncia a outras instâncias. Portanto, se a pessoa denunciou o caso à autoridade local (líder comunitário, régulo etc.), ele tem a obrigação de encaminhar os casos de abuso e violência sexual e de violência física grave para as instâncias competentes (Polícia/Esquadra/Gabinete de Atendimento à Família e Menores/ Centro de Atendimento Integrado (CAI) ou Posto de Saúde).

Fontes: MINEDH. *Guião escolar para professores. Métodos para identificação de sinais de violência e abuso sexual em crianças e adolescentes*. Maputo: MINEDH, 2013.

MINEDH. *Mecanismo Multisectorial para a Prevenção, Denúncia, Encaminhamento e Resposta à Violência contra Crianças nas Escolas, Incluindo Assistência às Vítimas*. Maputo: MINEDH, 2021.

ANEXOS

I - Mapeamento das competências abordadas em cada actividade

COMPETÊNCIAS	Módulo 1		Módulo 2		Módulo 3						Módulo 4		
	Actividades		Actividades		Actividades						Actividades		
	1	2	1	2	1	2	3	4	5	6	1	2	3
Criatividade	✓				✓			✓	✓	✓			
Pensamento crítico	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓				✓	✓	✓
Resolução de problemas	✓										✓		✓
Cooperação	✓	✓		✓		✓	✓	✓					✓
Negociação									✓	✓			
Tomada de decisão	✓		✓	✓			✓					✓	
Auto-gestão			✓					✓				✓	
Resiliência								✓					
Comunicação	✓	✓		✓	✓		✓	✓	✓	✓		✓	
Relacionamento interpessoal					✓								
Empatia	✓	✓	✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Participação	✓					✓	✓		✓	✓			✓

II- A inclusão de alunos com necessidades educativas especiais nos Círculos de Interesse

A inclusão de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) em todos os sub-sistemas de ensino é um dos princípios pedagógicos estabelecidos pela Lei 18/2018¹⁴ e um dos objectivos estratégicos centrais do Plano Estratégico da Educação 2020 - 2029. Entre as necessidades educativas especiais, incluem-se deficiências de vários tipos, causadas por incapacidades que podem ser de ordem¹⁵:

- Física (dificuldade em mover-se)
- Intelectual (dificuldade em compreender, aprender e recordar coisas novas)
- Sensorial (dificuldade para escutar ou para ver)
- Psicossocial (questões relacionadas à saúde mental, que, em conjunto com a discriminação e outras barreiras da sociedade, dificultam a interacção com os outros e a participação nas actividades escolares).

As estratégias sugeridas a seguir contribuem para a construção de ambientes seguros e tolerantes, que favoreçam a participação dos alunos com deficiências.

1. Adaptação do espaço físico e eliminação de barreiras que dificultem a participação dos estudantes com deficiência. Por exemplo: se houver alunos com dificuldades de locomoção, será preciso certificar-se de que não há degraus ou outros obstáculos que dificultem o acesso. Uma boa forma de obter informações que ajudem a planear a configuração do espaço é falar com as crianças e adolescentes com deficiência e com seus pais ou cuidadores sobre a forma como lidam com a vida diária – muitos deles têm suas próprias estratégias, tais como deslizar para cima ou para baixo e ou pedir a alguém que lhes dê algum tipo de apoio.

2. Construção de um ambiente seguro e acolhedor, que valorize a diferença. Isso pode ser feito através de conversas em que os estudantes possam perceber que têm muito em comum, mas também são muito diferentes entre si, em termos de gosto, preferências e habilidades. Logo nas primeiras sessões, o/a professor/a pode propor um jogo em que os alunos se agrupem de acordo com as suas semelhanças. Por exemplo:

- *Entra na roda quem tem um coração a bater dentro do peito.*
- *Quem tem cabelos curtos forma uma roda dentro da grande roda.*

¹⁴ A lei 18/2018, de 28 de dezembro de 2018, estabelece a inclusão, a equidade e a igualdade de oportunidades no acesso à educação como um dos princípios gerais do Sistema Nacional de Educação na República de Moçambique.

¹⁵ Fonte: UNICEF and WRC (2018). *Disability inclusion in child protection and GBV programs.*

- *Entre aqueles que têm cabelos curtos, fica no meio da roda quem sabe tocar um instrumento musical.*

- *Quem não toca nenhum instrumento, forma outra uma roda. Dento dela ficam apenas os rapazes que conseguem falar com a voz. Fora dela, quem consegue falar com gestos.*

Depois de realizado o jogo, pode ser feita uma conversa sobre as características que são comuns a todos e as diferenças individuais, que podem ser muitas, mas não impedem a convivência respeitosa e a aprendizagem colectiva nos Círculos de Interesse.

3. Obtenção de informação sobre os participantes, para saber a forma como se comunicam. É importante reservar tempo para observar, ouvir, falar e interagir com as crianças e os adolescentes, para aprender mais sobre as suas preferências e capacidades. Isso é especialmente relevante quando se trabalha com estudantes com deficiências intelectuais.

4. Produção de informação em diferentes formatos, a fim de garantir que pessoas com deficiências físicas, intelectuais, auditivas ou visuais tenham acesso à informação e possam compreendê-la.

- Formatos acessíveis para pessoas com deficiências visuais (cegas ou com baixa visão) incluem caracteres grandes, *braille* e mensagens orais, como programas de rádio.

- Formatos acessíveis a pessoas com deficiências intelectuais incluem linguagem simples e sinais visuais, tais como pictogramas, desenhos, imagens e fotos em material impresso.

- Formatos acessíveis a crianças com deficiências auditivas (surdas ou com pouca audição) incluem informação impressa, mensagens de texto, legendas, interpretação em língua gestual e uso de recursos audiovisuais, como programas de televisão.

5. Reconhecimento de diferentes tipos de contribuições. A participação pode ser diferente para cada indivíduo, variando de acordo com as suas preferências pessoais, o grau de familiaridade com os professores e outros participantes, entre outros fatores. Quando o professor reforça positivamente as contribuições, todos os estudantes no grupo aprendem a também reconhecê-las e valorizá-las.

6. Conversas com as crianças com deficiência e com os seus pais sobre as sessões dos Círculos de Interesse, para obter informação sobre como elas se sentem, o que lhes agrada, o que acham difícil e quais melhorias podem ser feitas para otimizar a participação delas.

BIBLIOGRAFIA

- AGI - Adolescent Girls Initiative - A Resource Guide.
- https://www.s4ye.org/agi/html/Implementation_Delivering_Life_Skills_Training.html
- Constituição da República Federativa de Moçambique, 2014. Disponível em <https://www.portaldogoverno.gov.mz/por/Media/Files/Constituicao-da-Republica-PDF>.
- John Hopkins Medicine, GDC UNICEF, 2020. *The growing child. Adolescent 13 to 18 years*. Disponível em:
- <https://gdc.unicef.org/resource/growing-child-adolescent-13-18-years>
- República de Moçambique. Lei nº 12/2009 – Estabelece direitos e deveres da pessoa a viver com HIV e SIDA e adota medidas necessárias para a prevenção, protecção e tratamento da mesma.
- República de Moçambique. Lei nº18/2018 - Revisão da Lei sobre o Sistema Nacional de Educação ao abrigo do disposto no número 1, do artigo 178 da Constituição da República.
- República de Moçambique. Lei nº 19/2019 - Proibição, prevenção, mitigação e combate às uniões prematuras, ao abrigo do dispositivo número 1, do artigo 178 da Constituição da República.

MGCAS, 2016. *Estratégia Nacional de Prevenção e Combate aos Casamentos Prematuros em Moçambique (2016 - 2019)*. Maputo: 2016.

MGCAS, MISAU. *Relatório de indicadores básicos do inquérito sobre violência contra a criança em Moçambique (InVIC 2019)*. Maputo: MGCAS, MISAU, 2019.

MINEDH, 2016. *Estratégia de Género do Sector de Educação e Desenvolvimento Humano para o Período de 2016 – 2019*. Maputo, 2016.

MINEDH, 2016. *Manual dos Círculos de Interesse*. Maputo, 2016.

MINEDH, 2020. *Plano Estratégico da Educação 2020 – 2029*. Maputo, 2020.

MINEDH, 2021. *Manual sobre Apoio Psicossocial (AP) no sector de Educação*. Maputo: 2021.

MINEDH, 2021. *Mecanismo Multisectorial para a Prevenção, Denúncia, Encaminhamento e Resposta à Violência contra Crianças nas Escolas, Incluindo Assistência às Vítimas*. Maputo: 2021.

Ministério da Juventude e Desportos, Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, Ministério da Saúde e UNFPA-Moçambique, 2017. *Programa Geração Biz, Manual do Activista*. Maputo: 2017.

UNAIDS. *HIV and AIDS - Basic Facts*. Disponível em: <https://www.unaids.org/en/frequently-asked-questions-about-hiv-and-aids>. Acesso em 12/05/2021.

UNGEI, 2015. UNGEI Good Practices Fund. Synthesis Report. Disponível em <https://www.ungei.org/sites/default/files/Good-Practice-Fund-Synthesis-Report-2016-eng.pdf>

UNESCO e UN Women, 2016. *Global guidance on addressing school-related gender-based violence*. New York: UNESCO e UNWomen. Disponível em <https://www.unwomen.org/-/media/headquarters/attachments/sections/library/publications/2016/global-guidance-on-addressing-school-related-gender-based-violence-en.pdf?la=en&vs=4311>

UNICEF, 2011. *The state of the world's children 2011*. New York: UNICEF. Disponível em: https://www.unicef.org/sowc2011/pdfs/SOWC-2011-Main-Report_EN_02092011.pdf

UNICEF e Save the Children, 2011. *Every child's right to be heard*. London: Save the Children. <https://resourcecentre.savethechildren.net/node/5259/pdf/5259.pdf>

UNICEF, 2012. *Global Evaluation of Life Skills Education Program*. UNICEF: New York. Disponível em https://www.unicef.org/french/evaldatabase/files/UNICEF_GLS_Web.pdf

UNFPA. *Gravidez na adolescência. Desafios e respostas de Moçambique*. Maputo: UNFPA, 2013. Disponível em https://mozambique.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/SWOP_Suplemento_PAGINACAOFINAL0312134.pdf

UNICEF, 2016. *A rigorous review of global research evidence on policy and practice on school-related gender-based violence*. New York: UNICEF. Disponível em <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED573791.pdf>

UNICEF, 2017. *Reimagining Life Skills and Citizenship Education in the Middle East and North Africa. A Four-Dimensional and Systems Approach to 21st Century Skills. Conceptual and Programmatic Framework*. Amman: UNICEF. Disponível em https://www.unicef.org/mena/media/6151/file/LSCE%20Conceptual%20and%20Programmatic%20Framework_EN.pdf%20.pdf

UNICEF, 2018. *Competências para vida – trilhando caminhos de cidadania*. Brasília:

UNICEF. Disponível em

https://www.unicef.org/brazil/media/1476/file/Competencias_para_vida%E2%80%9393trilhando_caminhos_de_cidadania%20.pdf

UNICEF, 2018. *UNICEF Programme Guidance for the Second Decade: Programming with and for Adolescents*. New York: UNICEF. Disponível em <https://www.unicef.org/media/57336/file>.

UNICEF, 2019. *Global Framework on Transferable Skills*. New York: UNICEF. Disponível em <https://www.unicef.org/media/64751/file/Global-framework-on-transferable-skills-2019.pdf>

UNICEF e World Bank, 2019. *Measuring life skills in the context of Life Skills and Citizenship Education in the Middle East and North Africa*. Amman: UNICEF. Disponível em: https://www.unicef.org/mena/media/7011/file/Measuring%20life%20skills_web.pdf.pdf

UNICEF, 2019. *Guide to menstrual hygiene materials*. New York: UNICEF. Disponível em <https://www.unicef.org/wash/files/UNICEF-Guide-menstrual-hygiene-materials-2019.pdf>

UNICEF, 2020. *Pobreza Infantil Multidimensional em Moçambique*. Maputo: UNICEF. Disponível em <https://www.unicef.org/mozambique/media/2671/file/Pobreza%20Infantil%20Multidimensional%20em%20Mo%C3%A7ambique.pdf>

UNICEF / Plan International Brasil 2020. *Projeto Minhas Escolhas - Trilha de empoderamento de meninas*. Brasília: UNICEF. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/media/10776/file/revista-trilha-de-empoderamento-de-meninas.pdf>

UNFPA, 2020. *Menstruation and human rights. Frequently asked question*. Disponível em <https://www.unfpa.org/menstruationfaq#what%20is%20menstruation%20and%20its%20cycle>

UNICEF Adolescent Kit for Expression and Innovation

<https://www.adolescentkit.org/index.html>

USAID's YouthPower, 2016. *Key Soft Skills for Cross-Sectoral Youth Outcomes. Global Framework on Transferable Skills*. Washington DC: USAID.

Disponível em

https://www.youthpower.org/sites/default/files/YouthPower/resources/Key%20Soft%20Skills%20for%20Cross-Sectoral%20Youth%20Outcomes_YouthPower%20Action.pdf

USAID. "Avante, rapariga. Habilidades para a vida ao nível da comunidade: manual de capacitação".

SHARE & WaterAid, 2012. *Menstrual Hygiene Matters: a resource for improving menstrual hygiene around the world.*

Disponível em

<https://washmatters.wateraid.org/sites/g/files/jkxoof256/files/Menstrual%20hygiene%20matters%20low%20resolution.pdf>

WHO, 2020. *Adolescent health and development.* Disponível em: <https://www.who.int/westernpacific/news/q-a-detail/adolescent-health-and-development>

Com apoio de:



**Iniciativa
Spotlight**
*Para eliminar a violência
contra as mulheres e raparigas*

